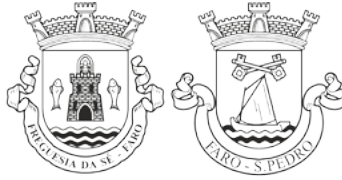


Breve História da Cultura em Faro



UNIÃO DAS FREGUESIAS DE FARO
(SÉ E SÃO PEDRO)



UNIÃO DAS FREGUESIAS DE FARO
(SÉ E SÃO PEDRO)

BREVE HISTÓRIA DA CULTURA EM FARO

FICHA TÉCNICA

COORDENAÇÃO GERAL: Bruno Lage

TEXTOS: Jorge Carrega

DESIGN E COMPOSIÇÃO: Elissama Barreto

EDITOR: UFF - União das Freguesias de Faro

2ª EDIÇÃO: Novembro 2018

TIRAGEM: 1.000 exemplares

Depósito Legal: n.º 446539/18

ISBN: 978-989-20-8861-7

Créditos fotográficos:

Associação Faro 1540, Associação José Afonso, Biblioteca de Arte e Arquivos da Fundação Calouste Gulbenkian, Jornal *Folha do Domingo*, Museu Municipal de Faro - CMF, UFF - União das Freguesias de Faro. Mário Martins, Sandra Jesus, Tiago Cruz e Vanda Sousa.

As fotos cuja autoria não está identificada encontram-se em domínio público

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO.....	5
INTRODUÇÃO.....	7
I - MONUMENTOS NOTÁVEIS.....	8
II - TESOUROS ARTÍSTICOS DE FARO.....	15
III - MUSEUS, BIBLIOTECAS E ARQUIVOS.....	23
IV - O PATRIMÓNIO ORAL:	
AS LENDAS DA CIDADE DE FARO.....	29
V - GRANDES EPISÓDIOS DA HISTÓRIA DA CULTURA EM FARO.....	33
5.1. SAMUEL GACON E O NASCIMENTO DA IMPRENSA.....	33
5.2. A BIBLIOTECA DO PAÇO EPISCOPAL DE FARO.....	35
5.3. A AÇÃO MECENÁTICA DO BISPO D. FRANCISCO GOMES DO AVELAR.....	36
5.4. AS TERTÚLIAS NO CAFÉ ALIANÇA.....	39
5.5. FARO - CAPITAL DOS POETAS.....	41
5.6. FARO - CAPITAL NACIONAL DA CULTURA 2005.....	42
VI - Os ESPETÁCULOS PÚBLICOS.....	4
VII - O ASSOCIATIVISMO E A DINAMIZAÇÃO CULTURAL EM FARO.....	54
VIII - 10 GRANDES PERSONALIDADES DA CULTURA EM FARO NO SÉCULO XX.....	59
BIBLIOGRAFIA.....	66

APRESENTAÇÃO

Faro tem desempenhado ao longo dos séculos, um papel relevante na história da cultura portuguesa. Com efeito, aqui nasceram ou viveram, figuras como Samuel Gacon, D. Francisco Gomes do Avelar, Cândido Guerreiro, Mário Lyster Franco, Carlos Porfírio, Maria Campina e António Ramos Rosa, entre outras grandes personalidades a quem todos devemos a arte, poesia, conhecimento, enfim grande parte daquilo que hoje entendemos como cultura.

Para a União das Freguesias de Faro, o património cultural farenses constitui uma preciosa herança dos nossos antepassados, da qual usufruímos no presente, mas que temos obrigação de transmitir às gerações futuras. Como um dia escreveu António Rosa Mendes: *“ter consciência da nossa condição de herdeiros do património cultural é ter consciência histórica. E ter consciência histórica significa reconhecer que nós somos o produto desse mesmo passado”*, sem o conhecimento do qual, privados de uma parte fundamental da nossa identidade, não poderemos nunca construir um futuro melhor.

Efetivamente, com esta “Breve História da Cultura em Faro” a UFF pretende divulgar entre os farenses o importante contributo da nossa cidade para a cultura algarvia e portuguesa, dando a conhecer a jovens e menos jovens, o património cultural e os artistas, poetas e dinamizadores culturais que, ao longo dos séculos, fizeram de Faro uma cidade de cultura.

Trata-se pois de uma obra de divulgação cultural, obrigatoriamente sucinta, que esperamos sirva de introdução a um tema, cuja riqueza, convidará sem dúvida muitos leitores a descobrirem mais sobre o património cultural farenses e os grandes vultos culturais da nossa cidade.

Quero igualmente exprimir o nosso agradecimento às diversas entidades que nos cederam as fotos para esta publicação: Museu Municipal de Faro - CMF, Biblioteca de Arte e Arquivos da Fundação Calouste Gulbenkian, Jornal *Folha do Domingo*, Associação José Afonso e Associação Faro 1540.

Por fim, quero ainda expressar o meu agradecimento ao Professor Doutor Jorge Carrega pelo seu trabalho de pesquisa e divulgação cultural.

Boa leitura!
Eng. Bruno Lage
Presidente da União das Freguesias de Faro

INTRODUÇÃO

Na sua aceção mais comum, entendemos a “cultura” como um conjunto de manifestações artísticas, sociais e linguísticas que caracterizam uma comunidade, nação ou civilização. Testemunho incontornável da história, o património cultural constitui a expressão privilegiada da identidade de um povo, assumindo por isso uma importância vital na construção e valorização da sua identidade coletiva.

Colocando uma atenção particular no património cultural fareense e nos grandes vultos intelectuais que nasceram ou viveram na cidade, esta “Breve História da Cultura em Faro”, pretende oferecer aos leitores uma introdução ao valioso património arquitetónico e artístico fareense, e lançar um olhar sobre o desenvolvimento dos espetáculos públicos e os principais eventos culturais realizados na capital algarvia.

A todos os que desejem aprofundar os temas aqui abordados, recomendamos a consulta da bibliografia.

Jorge Carrega PhD

MONUMENTOS NOTÁVEIS

As muralhas de Faro são o testemunho privilegiado de uma história milenar, moldada por diversos povos e culturas. Apresentam forma ovalada e possuem um pequeno troço com ameias e passeio de ronda. Remontam ao período pré-romano, mas foram bastante ampliadas pelos romanos e bizantinos (séculos I a VI d.C), pelos árabes (séculos IX e XI d.C), e finalmente os portugueses (séculos XIII, XVI e XVIII).

Nas muralhas que envolviam a cidade, encontramos três portas historicamente muito importantes. O **Arco da Vila**, a entrada principal na Vila-Adentro, é o mais representativo monumento neoclássico da cidade. Inaugurada em 1812, esta entrada monumental foi mandada construir pelo Bispo D. Francisco Gomes do Avelar, segundo projeto do arquiteto italiano Francisco Xavier Fabri. Em 1910 foi classificado Monumento Nacional.

No interior do Arco da Vila encontramos o mais antigo portal da cidade. Trata-se de uma **porta em arco de ferradura**, de origem árabe, junto da qual se encontra um pequeno nicho que remete para a memória da célebre lenda do Milagre de Santa Maria, narrada no livro de cantigas de Afonso X.

Igualmente do período árabe é o chamado **Arco do Repouso**, à sombra do qual, reza a lenda, D. Afonso III terá descansado após a conquista da cidade aos mouros. Junto a esta entrada é possível observar duas torres albarrãs (séc. XI), construção militar do período islâmico, que servia precisamente para defender as muralhas do ataque dos cavaleiros cristãos.

No interior da Vila-Adentro encontramos o largo da Sé, dominado pela Catedral. Erguida no local onde em tempos estiveram o Templo Romano e a Mesquita Muçulmana, a **Igreja da Sé** é um edifício de estilo



Porta árabe no interior do Arco da Vila. Foto gentilmente cedida por Vanda Sousa.

gótico, construído após a tomada da cidade aos mouros em 1249, e posteriormente ampliado no século XV.

A **Catedral de Faro** apresenta corpo de três naves, com capela-mor coberta de caixões, antecedida por arco-triunfal, e colunas de ordem dórica, produto de uma extensa campanha de obras que recuperou parte da igreja após o ataque dos corsários do Conde de Essex em 1596. O terramoto de 1755 destruiu parte desta igreja, obrigando a obras de reconstrução. A sua torre sineira constitui o melhor miradouro da cidade.



Igreja e largo da Sé. Foto gentilmente cedida por Mário Martins

Também no largo da Sé, situa-se o **Palácio Episcopal**. Construído entre finais do século XVI e o início do século XVII (após a transferência da sede de bispado de Silves para Faro), este notável edifício de estilo chão com telhados de quatro águas, foi parcialmente reconstruído após o terramoto de 1755, servindo até hoje como residência oficial do Bispo do Algarve.



Túneis subterrâneos de Faro. Foto gentilmente cedida pela Associação Faro 1540

Uma das características mais fascinantes da Vila-A-Dentro é uma rede de túneis subterrâneos cuja real dimensão se desconhece, pois foram destruídos pelos vários terramotos que assolaram a cidade. Segundo a tradição oral, estes túneis foram construídos pelos mouros, que os utilizaram para fugir ao cerco montado pelas tropas cristãs. No entanto, vários arqueólogos e historiadores identificaram estes túneis como **kanats (ou Qanât)**, parte de um sistema de gestão de água, utilizado para irrigação de campos agrícolas e núcleos populacionais.

Os Kanats foram desenvolvidos pelos persas (atual Irão), há cerca de dois mil e quinhentos anos, tendo sido introduzidos na Península Ibérica pelos árabes a partir do século VIII. Os túneis da cidade velha (aos quais se pode aceder através do Restaurante Vila Adentro) integravam uma rede de kanats que abasteciam os poços e fontes de Santa Maria de Faaron, partindo de um grande aqueduto localizado na fonte de Alface (próximo de Bordeira), numa ribeira que constituía um afluente do Rio Seco. Um troço deste aqueduto foi detetado no início do século XXI, durante as obras de construção do novo Mercado Municipal.



**O claustro do Convento de Nossa Senhora da Assunção.
Foto gentilmente cedida pela Associação Faro 1540**

Um dos mais notáveis monumentos da cidade é o antigo **Convento de Nossa Senhora da Assunção** (atual Museu Municipal), erguido no local onde se havia situado o bairro judeu de Faro. As obras tiveram início em 1519 e, após alguns anos de interrupção, ficaram concluídas em 1548, graças ao patrocínio da rainha D. Catarina (mulher de D. João III). Esta notável obra arquitetónica, atribuída ao mestre Afonso Pires, foi classificada como Monumento Nacional em 1948, e o seu claustro é considerado pelos historiadores de arte como um dos primeiros exemplares da tipologia proto-renascentista em Portugal.

Durante a década de 1580, a igreja manuelina do Espírito Santo foi reconstruída, dando lugar à atual **Igreja da Misericórdia**, um templo com planta de cruz grega, coberta por uma cúpula ao centro. Os danos causados



Igreja da Misericórdia. Foto gentilmente cedida pela Associação Faro 1540



O Teatro Lethes. Foto gentilmente cedida pela Associação Faro 1540

fachada deste edifício, de composição simétrica, pode ler-se a inscrição latina “MONET OBLECTANDO”, que significa “Instruir Divertindo”.

pelo terramoto de 1755 obrigaram a uma reformulação da sua fachada, obra que ficou a cargo do arquiteto italiano Francisco Xavier Fabri.

Na segunda metade do século XVI foi erguida a **Igreja Paroquial de São Pedro**, um importante exemplar da arquitectura maneirista que apresenta interior de três naves, separadas por colunas dóricas e arcos de volta perfeita em estilo renascentista. No portal encontra-se um nicho com a imagem de São Pedro.

Alguns anos depois, já no início do século XVII, surgiu o **Colégio da Companhia de Jesus** (fundado pelo Bispo D. Fernando Martins Mascarenhas). O imóvel foi adquirido na década de 1840 pelo médico italiano Lázaro Doglioni, para que aí fosse instalado um teatro de modelo italiano que foi batizado **Teatro Lethes**.

Este belíssimo teatro, cujo interior foi inspirado no Teatro de San Carlo de Nápoles e no Teatro Nacional de São Carlos em Lisboa, integra presentemente a European Route of Historic Theaters. Na

Na rua do Teatro Lethes fica o **Palacete Doglioni**, adquirido pelo referido médico italiano. Trata-se de um edifício do século XVIII (reconstruído no século XIX pelo seu sobrinho Dr. Justino Cúmano), que apresenta dois pisos onde se destacam as janelas de sacada com balcões e guardas de ferro. Presentemente alberga alguns serviços da CCDR-Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve.

No início do século XVIII foi construída a **Igreja da Ordem Terceira do Carmo**. Este notável testemunho da arquitetura barroca algarvia apresenta planta longitudinal e nave única. Após o terramoto de 1755, a sua imponente fachada foi remodelada pelo mestre-canteiro fareense, Diogo Tavares de Ataíde.

Igualmente do século XVIII é a **Igreja de São Francisco**, situada junto da Escola de Hotelaria e Turismo. Construída em finais do século XVII, esta igreja foi profundamente remodelada após o terramoto de 1755, constituindo um bom exemplo da transição do estilo tardo-barroco para o neoclassicismo que Bispo D. Francisco Gomes do Avelar introduziu no Algarve.

Na Rua de Santo António, a mais emblemática da cidade, encontramos alguns importantes exemplares da arquitetura civil fareense, como por exemplo a **Casa das Açafatas**, uma residência senhorial construída no segundo



A Igreja do Carmo. Foto gentilmente cedida pela Associação Faro 1540



Fachada da igreja de S. Francisco. Foto gentilmente cedida pelo Jornal *Folha do Domingo*

quartel do século XVIII pelo Capitão-Mor Baltazar Rodrigues Neto, cujo brasão se encontra sobre uma janela de sacada, que se distingue pelo estilo barroco da cantaria.

Também na Rua de Santo António podemos encontrar o **Solar dos Pantojas**, moradia do século XVII onde residiu uma das mais ilustres famílias farenses do século XVIII, e cujo brasão encima a porta principal. Aqui se encontra sediado desde 1917, o Clube Farenses, local de tertúlia onde se realizam debates e atividades culturais abertas a toda a população.

Após a expulsão dos Jesuítas pelo Marquês de Pombal e o encerramento do Colégio de São Tiago Maior (atual Teatro Lethes), a diocese do Algarve ordenou a construção de uma escola destinada à formação do clero. Assim nasceu o **Seminário Episcopal de São José**, construído em duas fases distintas: a primeira, realizada por D. José Maria de Mello, e a segunda já no final do século XVIII pelo Bispo D. Francisco Gomes do Avelar. Em 1834, o regime liberal interrompeu os cursos eclesiásticos e transformou este edifício no primeiro Liceu de Faro, que aí funcionou até 1906.

Na Rua Conselheiro Bivar fica o **Palácio Bivar**, um importante exemplar da arquitetura neoclássica em Faro. Construído no início do século XIX, este edifício que pertenceu a uma das mais ilustres famílias da cidade, apresenta dois pisos, treze janelas de sacada e um exuberante portal.

Inserido na Alameda João de Deus, encontramos o antigo edifício do **Matadouro Municipal**, adaptado a Biblioteca Municipal no início do século XXI. Trata-se de um interessante exemplar da arquitetura de estilo neo-árabe, inaugurado em 1899.



Casa das Açafatas. Foto gentilmente cedida pela Associação Faro 1540

Notável é também o **Palácio Belmarço**, um dos mais interessantes exemplares da arquitetura revivalista em Faro. Construído em 1912 pelo abastado comerciante Manuel de Jesus Belmarço, este palacete de planta retangular e dois pisos apresenta um interessante torreão- mirante com sacadas em arco forjado e uma exuberante fachada principal.

Um dos mais emblemáticos edifícios da cidade é a delegação regional do **Banco de Portugal**, situado na praça D. Francisco Gomes do Avelar, em posição fronteira ao Jardim Manuel Bivar. Construído em 1926, este edifício é um dos melhores exemplares da arquitetura revivalista no Algarve. A fachada principal apresenta arcos em ferradura e azulejos de influência islâmica, e nas janelas laterais, encoroados de estilo manuelino.

Igualmente importante é o **Aliança**, o mais antigo e emblemático café da capital algarvia. Construído no início dos anos 30, constitui um importante exemplar da arquitetura revivalista de influência neoclássica. Trata-se de um espaço repleto de história, pois foi palco de inúmeras tertúlias culturais que contaram com a presença de personalidades tão célebres como Amália Rodrigues, José Afonso, António Aleixo e Simone de Beauvoir.



Fachada do antigo Matadouro Municipal. Foto gentilmente cedida por Vanda Sousa



Palácio Belmarço. Foto gentilmente cedida pela Associação Faro 1540



Banco de Portugal. Foto gentilmente cedida pela Associação Faro 1540

TESOUROS ARTÍSTICOS DE FARO

Numa cidade milenar como Faro, é inevitável que, apesar das catástrofes naturais e da incúria dos homens, alguns testemunhos da arte dos diversos povos que por aqui passaram tenham sobrevivido. Com efeito, um dos mais antigos tesouros artísticos da cidade é o **mosaico romano do deus Oceano**, recentemente classificado como Tesouro Nacional. Datado do século II d.C, este excelente exemplar da arte mediterrânica foi encontrado em 1976, durante uma campanha de obras realizada perto da estação dos caminhos-de-ferro de Faro. Este mosaico, que se encontra exposto numa sala do Museu Municipal, terá constituído o pavimento de um edifício público, possivelmente uma associação de pescadores ou mercadores, e representa um claro testemunho da importância económica da cidade de Ossónoba, cujo perímetro urbano se estendia muito para além das muralhas da cidade.



O mosaico do deus Oceano. Foto gentilmente cedida pelo Jornal *Folha do Domingo*

Capital do Algarve desde 1540, e sede de Bispado desde 1577, Faro assumiu ao longo dos séculos enorme importância regional, aqui residindo uma significativa clientela artística, graças ao estabelecimento de diversas casas religiosas; como os Conventos de Nossa Senhora da Assunção, de São Francisco e de Santo António dos Capuchos, e à presença de sucessivos preladados e alguma nobreza regional que acabaria por se unir à uma pequena burguesia endinheirada na aquisição de obras de arte.

Como seria inevitável, grande parte do património artístico da cidade corresponde ao que se designa por “arte sacra”, ou seja, um conjunto de manifestações artísticas (pintura, azulejos e escultura) concebidas para espaços de culto e que, na maioria das vezes representam episódios bíblicos ou da vida dos santos católicos.

Se, por um lado, grande parte da melhor pintura subsistente na capital algarvia, se deve à encomenda a oficinas lisboetas como Diogo Teixeira, no que diz respeito à escultura em madeira, nomeadamente os altares em talha que preenchem e enriquecem as igrejas da região, esta ficou a cargo de um conjunto de entalhadores cujas oficinas sediadas em Faro produziam altares, para as igrejas do Algarve e baixo Alentejo.

Nas coleções de pintura antiga da cidade de Faro, podemos identificar pelo menos duas dezenas de telas que, pela sua grande qualidade artística, merecem ser conhecidas e valorizadas por todos.

O mais importante núcleo de **pintura sacra** do Algarve encontra-se no **Museu Municipal de Faro**, onde foram recolhidas diversas obras originalmente concebidas para as igrejas e conventos de Faro. É por isso indispensável visitar a sua exposição permanente de pintura Antiga que reúne meia centena de obras datadas do final do século XV ao início do século XIX.

Entre as pinturas do Museu de Faro merece destaque um conjunto de **4 tábuas maneiristas** (final do séc. XVI), de oficina lisboeta, que representam 4 episódios da Paixão de Cristo. Acredita-se que estas pinturas tenham sido executadas para o altar quinhentista de uma das igrejas da cidade, talvez a da Misericórdia, que foi incendiada pelos corsários do conde de Essex em 1596. Aproximadas por Vítor Serrão à oficina de Gaspar Dias, estas pinturas revelam, na opinião de Joaquim Caetano, a influência de António

Campelo. Ambos os artistas foram bolseiros régios na cidade eterna, e o seu estilo romanista influenciou profundamente a geração de pintores portugueses ativos durante o último quartel do século XVI e o primeiro quartel do século XVII, sendo muito provável que o anónimo autor das 4 tábuas de Faro seja o representante de uma oficina regional algarvia que realizou a sua aprendizagem na oficina lisboeta de um destes mestres.

Particularmente interessante é **Cristo entregando as chaves a S. Pedro**, uma tela do século XVII, atribuída à oficina do pintor lisboeta Marcos da Cruz.



Cristo entregando as chaves a S. Pedro (séc. XVII)
atribuída à oficina de Marcos da Cruz.

Foto gentilmente cedida pelo Museu Municipal de Faro – CMF

Do conjunto de pinturas da primeira metade do século XVIII, destaca-se **A Nossa Senhora da Fruta**, atribuída a António de Oliveira Bernardes. Trata-se de uma representação pouco comum da sagrada família, na qual o menino Jesus, ao colo de Maria, segura uma pêra.

Igualmente importantes são duas telas de grandes dimensões representando respetivamente uma “Adoração dos Pastores” e uma “Adoração dos Magos”, que se caracterizam por um enorme sentido pictural, apresentando cores vibrantes e pincelada forte. Desconhecemos o autor destas bonitas pinturas mas o seu estilo “barroco de escola romana” revela a influência exercida por artistas como o italiano Agostino Masucci, que executou diversas pinturas para o Palácio e Convento de Mafra.

De grande importância história e artística é o conjunto de pinturas encomendadas pelo Bispo D. Francisco Gomes do Avelar. Entre estas destacam-se **O Martírio de Santo Inácio de Antioquia**, atribuída ao português Domingos António Sequeira, assim como um conjunto de quatro telas do pintor Vieira Lusitano, representando **Os quatro Doutores da Igreja**. A exposição de Pintura Antiga do Museu de Faro conclui com o **Menino entre os Doutores**, obra do pintor italiano Marcello Leopardi, que remonta ao final do século XVIII.



O Martírio de Santo Inácio de Antioquia (178?)

Foto gentilmente cedida pelo Museu Municipal de Faro – CMF

Na **igreja da Sé**, monumento de visita obrigatória, encontramos alguns dos maiores tesouros artísticos do Algarve. Destaque para o belíssimo conjunto de retábulos em talha dourada que preenchem as diferentes capelas, executados entre meados do século XVII e finais do século XVIII, por artistas como Manuel Martins e Francisco Correia da Silva. Atenção especial merece sem dúvida a capela do Santíssimo Sacramento (finais do século XVII), e a capela do Santo Lenho (inícios do século XVIII).

Na **capela de Nossa Senhora do Rosário dos pretos**, encontramos um bonito painel de azulejos do final do século XVII (do espanhol Gabriel del Barco), representando a “Fuga para o Egito” e a “Visita da Sagrada Família a Jerusalém”, e ainda dois anjos “pretos” que identificam a comunidade negra da cidade que patrocinou esta capela.

Na capela de São Miguel da igreja da Sé, encontramos duas **Adorações do Menino Jesus**, telas atribuídas à oficina de Bento Coelho da Silveira, um artista muito apreciado pelas clientelas artísticas na segunda metade do século XVII, que foi um dos grandes responsáveis pelo enriquecimento da paleta cromática na pintura portuguesa deste período. Ambas as pintu-



Capela de Nossa Senhora do Rosário. Foto gentilmente cedida pela Associação Faro 1540



Orgão barroco da Sé de Faro. Foto gentilmente cedida pela Associação Faro 1540

ras adotam a fórmula invariavelmente seguida pelas “Adorações” de Bento Coelho da Silveira e apresentam semelhanças com uma outra “Adoração dos Magos”, atribuída a este pintor, que se encontra no Seminário Episcopal de Faro.

Um dos grandes tesouros artísticos desta igreja é um belo **órgão barroco**, construído em Lisboa em 1715 pelo alemão Johann Heinrich Hulenkampf. Em 1751, o órgão da Sé de Faro foi decorado com pinturas em *chinoiserie* (motivos orientais), pelo artista algarvio Francisco Correia da Silva. Refira-se que, na Sé da cidade brasileira de Mariana (Minas Gerais), encontra-se um órgão igual ao de Faro, oferecido pelo Rei D. João V.

Na **igreja de São Pedro** destacamos os vários altares em talha barroca e, em particular, o magnífico **retábulo da capela do Santíssimo**, prodígio de escultura em talha, executado por três artistas¹, e no qual podemos apreciar uma interessante representação da **Última Ceia**. Muito bonita é também a **capela de Nossa Senhora da Vitória**, cujo altar em talha constitui um dos melhores exemplares do estilo rococó na cidade. Executado nos anos seguintes ao terramoto de 1755 pelo mestre entalhador



Capela de Nossa Senhora da Vitória. Foto gentilmente cedida pelo Jornal *Folha do Domingo*



A Descida da Cruz
Foto gentilmente cedida pelo Jornal *Folha do Domingo*

1 Segundo Francisco Lameira, este magnífico retábulo (incluindo a talha do arco e das paredes laterais) foi contratado no dia 23 de janeiro de 1743, aos entalhadores/escultores Tomé da Costa, Francisco Xavier Guedelha e João Batista. LAMEIRA, Francisco (2000). *A Talha no Algarve Durante o Antigo Regime*. CMF, p. 155.

farenses António Ferreira de Araújo, o altar desta capela encontra-se emoldurado por um painel do século XVIII, cuja autoria é desconhecida.

Entre as várias pinturas que podemos apreciar na igreja de São Pedro, destacamos **A Descida da Cruz**, que se encontra na sacristia. Trata-se de uma pintura a óleo sobre madeira de castanho que provavelmente terá integrado o retábulo quinhentista da capela-mor desta igreja. Atribuída por Vítor Serrão ao pintor Diogo Teixeira, trata-se, segundo este historiador, de um dos mais importantes exemplares da pintura maneirista (séc. XVI-XVII) no Algarve.

Na Igreja de São Pedro podemos ainda encontrar uma **Última Ceia**, atribuída a Domingos António Sequeira, um dos mais importantes nomes do neoclassicismo português. Segundo o Professor Horta Correia, esta obra foi encomendada no início do século XIX pelo Bispo D. Francisco Gomes do Avelar para o refeitório do Seminário Episcopal, e revela na sua composição a influência do grande pintor francês Nicolas Poussin, em particular a série dos “Sete Sacramentos”².

Em 1596 a **Igreja da Misericórdia** de Faro foi pilhada e incendiada pelos corsários ingleses do conde de Essex, obrigando a uma renovação do seu programa decorativo. No interior, destaque para o **altar-mor do século XVII**, com oito pinturas representando as obras de Misericórdia, e no altar lateral uma grande tela do final do século XVIII, representando “A Visitação”.

Um dos grandes tesouros artísticos da cidade, autêntica pérola do barroco no Algarve, é sem dúvida a **Igreja da Ordem Terceira do Carmo**, cujo interior apresenta um magnífico conjunto de altares em talha dourada do século XVIII, onde sobressai o retábulo da capela-mor, da autoria do grande entalhador farenses Manuel Martins. Destaque ainda para o arco-triunfal que antecede o altar-mor, e o bonito órgão barroco que se encontra junto ao coro-alto.

2 MELLO, Magno Morais (2000). Inventário da Pintura do Concelho de Faro. CME, p. 172.



O interior da Igreja do Carmo. Foto gentilmente cedida pela Associação Faro 1540

Na Igreja de São Francisco, uma das mais belas do Algarve, o programa decorativo inclui um magnífico conjunto de azulejos barrocos que revestem a **capela-mor**, na qual se destaca um excelente altar em talha dourada, executado após o terramoto de 1755 pelo mestre Dâmaso Franco. Antecedendo a capela-



O interior da Igreja de São Francisco.
Foto gentilmente cedida pela Associação Faro 1540

-mor podemos apreciar um cruzeiro onde se encontram dois balcões em talha, e uma cúpula com decoração de estilo rococó. A nave da igreja, revestida por painéis de madeira pintados com motivos marmoreados, apresenta **quatro telas** da autoria do pintor italiano Marcello Leopardi, que representam episódios da vida de São Francisco de Assis.

MUSEUS, BIBLIOTECAS E ARQUIVOS

Os museus e bibliotecas são espaços privilegiados de cultura, que evocam a história dos nossos antepassados e preservam o seu legado cultural, proporcionando a quem os visita uma aprendizagem indispensável para a formação cultural de homens e mulheres no século XXI. Igualmente importantes, os arquivos distritais e municipais têm como missão a salvaguarda, valorização e divulgação do património arquivístico, elemento indispensável para estudantes, professores e historiadores que se interessam pela nossa história.

O Museu Municipal Faro

No dia 2 de fevereiro de 1894, por ocasião do V centenário do nascimento do Infante D. Henrique (O Navegador), a autarquia farenses decidiu criar o Museu Arqueológico e Lapidar Infante D. Henrique, cuja inauguração oficial decorreu no dia 9 de outubro de 1897, tendo contado com a presença do Rei D. Carlos e a Rainha D. Amélia.

Originalmente instalado nas salas do edifício dos Paços do Concelho, o Museu Municipal de Faro foi posteriormente transferido para a Igreja dos Capuchos, onde funcionou até 1971. Presentemente o museu encontra-se instalado no antigo convento de Nossa Senhora da Assunção, um notável edifício quinhentista que, após um período de abandono, foi vendido em hasta pública em 1860. Lamentavelmente, durante quase um século este importante monumento funcionou como fábrica de transformação de cortiça (incluindo o fabrico de rolhas), mas em 1960, a Câmara Municipal de Faro adquiriu o antigo convento para aí instalar o Museu e a Biblioteca Municipal. Após uma longa campanha de restauro, este edifício de grande valor histórico acolheu o museu da cidade, que abriu ao público em 1973, sob direção do Professor José António Pinheiro e Rosa.

No Museu Municipal podemos encontrar os testemunhos arqueológicos e artísticos de uma história milenar, entre os quais se destacam o mosaico do Deus Oceano e os bustos imperiais de Adriano e Agripina (período romano), assim como uma importante coleção de pintura Antiga (séculos XVI-XIX), oriunda das principais igrejas e conventos da cidade (ver tesouros artísticos de Faro).

Entre as coleções do Museu Municipal merece igualmente destaque a coleção de cartazes de cinema e circo (datados das duas primeiras décadas do século XX), recolhidos em salas de espetáculos de Lisboa e Porto pelo colecionador Joaquim António Viegas. Igualmente interessante é a coleção de azulejos (datados dos séculos XVI a XIX), doada pelo Almirante Ramalho Ortigão em 1963.



Cartaz do filme *Quo Vadis?* (1913). Foto gentilmente cedida pelo Museu Municipal de Faro - CMF

O Museu Marítimo Almirante Ramalho Ortigão

Em 1889 abriu portas o Museu Marítimo Industrial Pedro Nunes, que apresentava ao público uma coleção de objetos relativos às atividades marítimas. Originalmente instalado no antigo edifício da Escola Industrial e Comercial, próximo da Câmara Municipal, o Museu Marítimo foi alguns anos depois transferido para o Palácio Pantojas, na rua de St.º António, passando anos mais tarde para as exíguas dependências da Escola de Alunos Marinheiros. No final dos anos 50, o almirante **António de Macedo Ramalho Ortigão**, decidiu recuperar e valorizar as coleções do Museu com a ajuda de alguns amigos, em particular o pintor Carlos Augusto Lyster Franco.

Em sinal de reconhecimento pela dedicação do Almirante Ramalho Ortigão, o Museu Marítimo de Faro foi renomeado com o seu nome, funcionando, a partir da sua reabertura ao público em 1962, na Capitania do Porto de Faro. Encerrado em 2015, devido aos danos provocados pelo incêndio que deflagrou na Biblioteca Infante D. Henrique, contígua ao Museu, este espaço museológico constituído por três salas de exposição, reabriu ao público em julho de 2018.

O Museu Regional do Algarve

Em dezembro de 1962 foi inaugurado o Museu Etnográfico Regional de Faro, cujos grandes impulsionadores foram o pintor farense **Carlos Porfírio** (ver farense notáveis), e o jornalista e fotógrafo **Hélder de Azevedo**. Juntos, estes dois entusiastas da etnografia, recolheram o importante conjunto de utensílios e trajes tradicionais que constituem o espólio do Museu Regional do Algarve.

Carlos Porfírio foi também o autor de algumas pinturas com temas evocativos das paisagens e tradições regionais que podem ser apreciados neste espaço museológico, e Hélder de Azevedo contribuiu com uma série de fotografias dos concelhos algarvios que aí se encontram.

A Hélder de Azevedo, cuja paixão pela etnografia o levou inclusive a produzir alguns documentá-



Museu Regional. Foto gentilmente cedida pela Associação Faro 1540



Réplica da casa algarvia no Museu Regional do Algarve. Foto gentilmente cedida pela Associação Faro 1540

rios para a RTP sobre as pescas no Algarve, se ficou a dever também um pequeno museu etnográfico (estabelecido na sua loja de fotografia localizada na baixa de Faro), e por onde passaram visitantes ilustres como o Rei Humberto II da Itália e restante família real, aquando da sua visita a Portugal e à região do Algarve.

Instalado no edifício da Assembleia Distrital de Faro, o Museu Regional do Algarve apresenta um conjunto de objetos típicos da região, como a tradicional chaminé algarvia, assim como uma reconstituição de espaços tradicionais como a casa algarvia e a taberna.

A Biblioteca Municipal de Faro - António Ramos Rosa

Um dos grandes polos de cultura da cidade de Faro é sem dúvida a sua Biblioteca Municipal. Foi criada em 1902, sendo dois anos depois batizada de Biblioteca Municipal João de Deus, em honra do poeta e pedagogo algarvio. Até ao início dos anos quarenta a biblioteca pouco evoluiu, ocupando simplesmente uma sala nos Paços do Concelho. Em 1943, o recém-nomeado diretor, Dr. Moreira Júnior, ordenou o registo de todas as obras e a elaboração de um catálogo. Nos anos seguintes foram adquiridos novos livros e procedeu-se à criação de uma Biblioteca ao ar livre, na Alameda João de Deus.

Em 1959, a Fundação Calouste Gulbenkian abriu em Faro uma das suas bibliotecas fixas, a qual funcionou numa sala do edifício da Câmara, contígua à Biblioteca Municipal. As duas bibliotecas acabariam por se complementar, sendo a Biblioteca Municipal mais vocacionada para a consulta de obras de referência, livros antigos e fundo local, e a **Biblioteca Gulbenkian** vocacionada para o empréstimo domiciliário de ficção literária e para a consulta e empréstimo de livros infanto-juvenis, uma vez que o empréstimo domiciliário só existe na Biblioteca Municipal desde finais de 1998.

Por falta de recursos financeiros, a Biblioteca esteve sem diretor entre 1948 e 1966, uma situação que seria colmatada com a nomeação do **Professor José António Pinheiro e Rosa**. Em finais da década de 1970 a Biblioteca Municipal e a Biblioteca Fixa da Fundação Calouste Gulbenkian foram transferidas para o Convento de Nossa Senhora da Assunção, parti-

lhando assim as instalações com o Museu Arqueológico e Lapidar Infante D. Henrique, que ocupava a maior parte do edifício.

No primeiro trimestre de 2001 a Biblioteca Municipal João de Deus encerrou portas, assim como a Biblioteca Gulbenkian, cujo fundo documental foi integrado na Biblioteca Municipal. Em poucas semanas foram transferidos cerca de 50 mil volumes para o novo edifício (instalado no antigo matadouro municipal), sendo a nova Biblioteca inaugurada no dia 23 de abril de 2001, data em que foi batizada com o nome do poeta farenses **António Ramos Rosa**.

Biblioteca da Universidade do Algarve

Com a fundação da universidade e o florescimento das atividades letivas nos anos oitenta, nasceu o serviço de bibliotecas da Universidade do Algarve, uma unidade funcional dotada de autonomia administrativa que acolhe todas as bibliotecas desta instituição de ensino, e cujo principal objetivo passa por gerir as diversas atividades relativas à informação e documentação bibliográfica e afins, dando suporte à atividade científica e pedagógica.

A Biblioteca da UAlg está presente nos Campus da Penha e de Gambelas, assim como na Escola Superior de Saúde. No Campus da Penha, a biblioteca tem uma sala de leitura de 1800m², com 163 lugares e 8 gabinetes de estudo, uma sala de computadores e uma sala de formação.

A Biblioteca da UAlg disponibiliza mais de 135 000 monografias e 4 300 títulos de periódicos impressos. Além disso, uma grande variedade de recursos eletrónicos possibilita novas estratégias de pesquisa e acesso a documentos das diversas áreas do conhecimento, destacando-se nesse sentido a “Biblioteca do Conhecimento Online” com cerca de 20 mil periódicos, e os mais de 25 mil e-books e bases de dados de referências bibliográficas que estão disponíveis para consulta.

Arquivo Distrital de Faro

O Arquivo Distrital de Faro foi criado por Decreto-Lei em 1965, mas só em setembro de 1970, entrou em funcionamento, sendo seu primeiro diretor o **Dr. Salustiano Lopes de Brito** (1933-1999). Inicialmente instalado no edifício da Junta Distrital, o arquivo passaria anos mais tarde para um edifício da Rua Ataíde de Oliveira. Em 25 de fevereiro de 1997 foi inaugurado o atual edifício, uma estrutura moderna e construída de raiz num terreno camarário.

O Arquivo Distrital de Faro tem como missão a salvaguarda, estudo e divulgação do património arquivístico do Algarve. Aqui, estudantes, professores e historiadores têm acesso a uma vasta documentação relativa à história do Algarve, incluindo o fundo documental do arquivo municipal de Faro.

O Arquivo Distrital colabora com as instituições de ensino da região, disponibilizando visitas guiadas e aulas práticas nas suas instalações; organizando também exposições em sala própria, e ainda promovendo concursos relativos a trabalhos de investigação no Arquivo.

O PATRIMÓNIO ORAL: AS LENDAS DA CIDADE DE FARO

Testemunho de uma história que foi moldada através dos séculos por diversas civilizações, o património cultural de Faro inclui também um conjunto de lendas e tradições orais, cujo imaginário reflete as crenças ancestrais do nosso povo. Numa era de crescente globalização, este importante património cultural imaterial, assume um papel incontornável na salvaguarda da identidade histórica e cultural dos farenses.

Estácio da Veiga, autor do “Romanceiro do Algarve”, publicado em 1870, foi o grande pioneiro na investigação da literatura popular algarvia. Alguns anos depois, **Francisco Xavier de Ataíde Oliveira**, um dos maiores compiladores e divulgadores da literatura oral algarvia, continuaria este trabalho através da recolha de centenas de contos e lendas, publicadas nas páginas do Jornal “O Algarvio”, ou em livros como “As Mouras Encantadas e os Encantamentos do Algarve”, editado em 1898.

Na segunda metade do século XX, este importante trabalho de pesquisa etnográfica foi continuado por Manuel Viegas Guerreiro, autor de obras como “Contos Populares Portugueses”, publicado em 1956. O seu exemplo inspirou vários investigadores que, já em pleno século XXI, continuam este trabalho de investigação no CEAO- Centro de Estudos Ataíde Oliveira, integrado na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve.

A presença árabe no Algarve, entre o início do séc. VIII e meados do séc. XIII, deixou fortes marcas na história e cultura do concelho de Faro. Entre os sinais desta presença, destaca-se um conjunto de lendas que marcam ainda hoje o imaginário farenses. Grande parte do lendário algarvio apresenta um carácter local ou regional, estando intimamente associado às principais cidades árabes ou a sítios que ficam nas suas proximidades. É provável que muitas destas lendas se baseiem em factos reais que a imaginação popular acabou por modificar, através da intervenção de um elemento fantástico que procura explicar acontecimentos insólitos ou misteriosos. Deste modo, a principal característica das narrativas-lendárias da cidade de Faro, é a pre-

sença recorrente de mouros ou mouras encantadas. Trata-se de entidades míticas que marcaram o imaginário popular e que, segundo a tradição, eram quase sempre belas mulheres mouras que ficaram encantadas após a reconquista do Algarve pelos cristãos, como na “Lenda da Moura Encantada nas Muralhas de Faro” e “A Lenda do Mourinho no Arco do Repouso”. Estas apareciam geralmente em castelos ou junto a fontes, poços, rios ou árvores, onde guardavam tesouros e aliciavam os incautos para que quebrassem o seu encantamento, o que poderia resultar na perda dos santos óleos (sacramentos como o batismo e o crisma). Algumas lendas têm contudo uma origem claramente cristã, é o caso da “Lenda do Milagre de Santa Maria de Faro” ou da “Lenda da Imagem de São Tomás de Aquino”, em que o elemento fantástico resultou de uma intervenção miraculosa de santos cristãos.

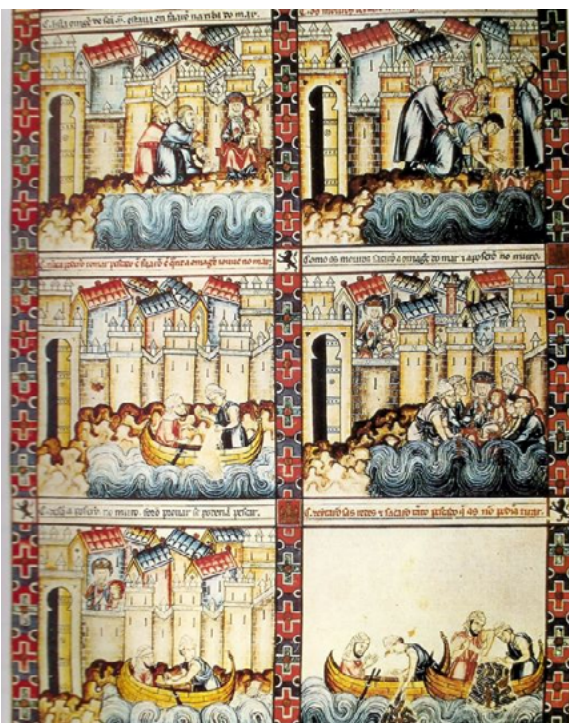
A Lenda de Santa Maria de Faro

Uma das mais importantes lendas da cidade de Faro, a **lenda de Santa Maria de Faro**, remonta à idade média e foi incluída no livro das Cantigas de Santa Maria de Afonso X (rei de Leão e Castela no séc. XIII). Foi o monarca espanhol quem reuniu as 430 canções que compõem o **livro das Cantigas de Santa Maria**, dedicado aos milagres da Virgem. É precisamente neste livro, uma das grandes obras da literatura medieval ibérica, que encontramos a cantiga onde se narra a lenda do milagre de Faro (cantiga nº 183), a qual é ilustrada pela belíssima iluminura aqui reproduzida. Refira-se que esse livro, verdadeiro tesouro da cultura ibérica, se encontra depositado na Biblioteca do Escorial, em Madrid.

Segundo a lenda, durante o período Árabe, viveu em Faro uma importante comunidade cristã que tinha grande devoção por Nossa Senhora e adorava uma imagem da Virgem Maria, que se encontrava colocada no nicho de uma das principais entradas da cidade (hoje situada no interior do atual Arco da Vila).

Certo dia, após desentendimentos entre as duas comunidades (cristã e muçulmana), os árabes jogaram a imagem ao mar, sacrilégio que terá provocado uma imediata escassez de peixe. Cansados de regressar da faina com

as redes vazias, os pescadores cristãos decidiram resgatar a imagem de Nossa Senhora das águas da Ria Formosa e exigiram que esta voltasse a ocupar o seu devido lugar na entrada da cidade. Perante a possibilidade de uma revolta popular, as autoridades muçulmanas permitiram que assim acontecesse, e foi então que ocorreu um milagre, pois os pescadores de Faro foram imediatamente abençoados com grande abundância de peixe.



Iluminura do *Livro das Cantigas de Santa Maria* (1280)

Esta lenda possui um profundo significado histórico e simbólico. O episódio terá ocorrido durante o período Almorávida (século XI), marcado pela ascensão e domínio de uma dinastia de monges-guerreiros muçulmanos que adotaram uma interpretação bastante rigorosa do islão, o que resultou em fanatismo religioso. Ora, é certo que este milagre de Santa Maria serviu a propaganda dos reis católicos, que o difundiram em plena

reconquista cristã, mas permite-nos deduzir também que, mais de 3 séculos após a conquista da cidade pelos árabes, ainda residia em Faro uma importante comunidade cristã, o que por um lado aponta para a existência de uma sociedade tolerante, e por outro atesta a antiquíssima devoção dos farenses à Mãe de Cristo. Outro fator que ajuda a explicar esta devoção mariana, é o facto da Mãe de Jesus (considerado no Alcorão como um grande profeta) ser alvo de grande reverência pelos muçulmanos.

A Lenda do Mouro de Alface

Uma das mais antigas e pouco conhecidas lendas da cidade de Faro é a **Lenda do Mouro de Alface**, cujo relato nos chegou através de Frei Vicente Salgado, nas suas “Memórias Eclesiásticas do Algarve de 1786”. Reza a lenda que dois mouros, um da povoação de Alface e outro de Estoi, entraram em disputa pela mão da filha do Rei de Santa Maria Ibn Harun (Faro) tendo este prometido a bela princesa àquele que fosse capaz de trazer água em abundância para a cidade. Contra todas as expectativas, o diligente mouro de Alface reuniu os seus homens e, em poucos dias, construiu um aqueduto com o qual abasteceu a cidade com a água fresca da fonte de Alface, conquistando assim a admiração do Rei e o amor da sua filha, uma linda princesa moura de longos cabelos negros.

GRANDES EPISÓDIOS DA HISTÓRIA DA CULTURA EM FARO

Samuel Gacon e o nascimento da Imprensa

A introdução da imprensa em Portugal ficou a dever-se à comunidade judaica, obrigada a fugir da tenebrosa Inquisição Espanhola, instituída com o apoio dos Reis Católicos (1487). A Faro, cidade conhecida pelo seu movimentado porto de mar por onde passava muito comércio com Espanha, o Mediterrâneo e o norte de África, terão chegado muitos judeus, alguns dos quais aqui se fixaram, enquanto outros seguiram para cidades como Beja ou mesmo Lisboa. Entre os que fixaram residência em Faro, destacou-se Samuel Gacon, oriundo de Sevilha, o qual abriu uma pequena oficina tipográfica no bairro judeu da cidade, localizado no atual largo D. Afonso III.

Os primórdios da imprensa em Portugal são indissociáveis da comunidade judaica, para a qual pioneiros como **Samuel Gacon** imprimiam livros de temática religiosa em hebraico. Entre estes destacamos o **Pentateuco**, impresso na tipografia de Faro em 1487, e considerado o mais antigo livro impresso em Portugal, um tesouro cultural cujo único exemplar conhecido se encontra no British Museum.

Menos de 40 anos após a invenção da imprensa por Gutenberg (1450), Gacon trouxe para Faro o primeiro prelo e os primeiros conjuntos de caracteres móveis utilizados em Portugal, abrindo assim um novo capítulo na história da cultura portuguesa. Em



O Pentateuco

Faro, **Samuel Gacon** desenvolveu a sua atividade durante uma década, tendo imprimido para além do **Pentateuco** (os primeiros cinco livros da Bíblia hebraica a que os judeus chamam Torá), um “Talmud” em 1492. Infelizmente, após o édito de expulsão dos judeus, emitido pelo Rei D. Manuel I em dezembro de 1496, o tipógrafo “farenses”, tal como grande parte da comunidade judaica, foi forçado a abandonar o nosso país.

Samuel Gacon foi um homem de visão que percebeu a importância da imprensa e cujo contributo para a cultura em Portugal é hoje reconhecido. Assim, em julho de 2017 a cidade de Faro homenageou o tipógrafo no colóquio “Pentateuco: comemoração dos 530 anos do livro impresso em Portugal”, no mês que assinalou também o lançamento de uma nova edição fac-simile do “Pentateuco”, enriquecida com um estudo introdutório do Professor Manuel Cadafaz de Matos.

Faro foi, graças a Samuel Gacon, o berço da atividade tipográfica em Portugal, uma tradição que a cidade continuaria a honrar. Na verdade, as artes gráficas floresceram na capital algarvia onde, segundo Teodomiro Neto³, existiram no século XIX uma dúzia de tipografias, número que chegou a duplicar em meados do século XX.

A primeira destas tipografias modernas foi construída em 1833, para imprimir o jornal **Crónicas do Algarve**. Este periódico, que se julga ter sido o primeiro jornal algarvio, assinalou o nascimento de uma imprensa regional, para a qual Faro contribuiu de modo decisivo ao longo dos anos. Com efeito, foi nesta cidade que nasceram jornais semanários como **O Algarve**; fundado em 1908 e extinto em 2012, e o **Correio do Sul**; fundado em 1920, e dirigido por Mario Lyster Franco entre 1946 e 1981, ano em que encerrou portas.

Em Faro nasceu também o jornal **Folha do Domingo**. Fundado em Julho de 1914, o órgão oficial da Diocese do Algarve é um dos 31 periódicos que se publicam em Portugal, ininterruptamente, há mais de um século! Este jornal, impresso durante décadas na antiga tipografia União (localizada na Rua do Município), foi homenageado em 2017 pelo Presidente da República, Professor Marcelo Rebelo de Sousa, no âmbito de uma iniciativa da Associação Portuguesa de Imprensa (API), que pretende apresentar em

3 NETO, Teodomiro (2012).

2018 uma candidatura à UNESCO para reconhecimento da imprensa centenária portuguesa como Património Cultural Imaterial da Humanidade.

Por estes jornais passaram dezenas de colaboradores, vultos intelectuais como Cândido Guerreiro, Joaquim Magalhães, Pinheiro e Rosa ou Teodomiro Neto, que assinaram centenas de artigos sobre a poesia, história e património cultural do Algarve.

A Biblioteca do Paço Episcopal de Faro

Em 1540 D. João III elevou Faro a cidade, decretando igualmente a transferência da sede de Bispado de Silves para Faro, o que na prática significou atribuir à cidade o estatuto de capital da região.

Em 1577, o bispo D. Jerónimo Osório fixou residência numas casas do largo da Sé que poucos anos depois foram substituídas pelo atual Palácio Episcopal (ver monumentos notáveis). D. Jerónimo foi um prestigiado intelectual e teólogo que publicou várias obras de caráter teológico, histórico e filosófico. É sabido que o prelado possuía uma valiosa biblioteca, a qual terá trazido consigo para Faro.

Em 1595 foi nomeado bispo do Algarve D. Fernando Martins de Mascarenhas, reconhecido intelectual e teólogo que possuía também uma importante biblioteca pessoal. Deste modo, podemos afirmar que a **Biblioteca do Paço Episcopal de Faro** deveria ser uma das mais importantes do país, pelo menos nos temas da teologia e direito canónico.

Com a perda da independência em 1580, Portugal passou a integrar a coroa espanhola, formando assim parte do maior império da idade moderna. Procurando contrariar o poderio dos reinos católicos ibéricos, a Rainha Elizabeth I de Inglaterra lançou a chamada guerra anglo-espanhola (1585-1604), durante a qual ocorreram diversas batalhas navais. Foi neste contexto político que Robert Devereux, conde de Essex, atacou a cidade de Cádiz no dia 30 de junho de 1596, dirigindo-se de seguida para a costa algarvia.

No dia 23 de julho de 1596, o conde de Essex desembarcou com as suas tropas perto de Faro e durante dois dias saqueou a cidade, sem encontrar

resistência, uma vez que a guarnição da cidade (liderada pelo Bispo) se encontrava em Lagos. Depois de ter conseguido um valioso saque em Cádiz, o corsário inglês viu goradas as expectativas de conseguir o mesmo em Faro. Contudo, antes de abandonar a capital algarvia, incendiou a maioria das suas igrejas e conventos e roubou a valiosa biblioteca do Palácio Episcopal, onde se encontrava a biblioteca pessoal de D. Fernando Martins de Mascarenhas, e ainda um número não identificado de volumes.

Em 1600, o conde de Essex doou ao seu amigo Thomas Bodley, da Universidade de Oxford, 176 títulos, num total de 215 volumes saqueados em Cádiz e Faro⁴. Entre estes, 91 volumes pertenceram comprovadamente ao Bispo do Algarve, uma vez que apresentam o seu escudo de armas na encadernação. Contudo, ainda que a grande maioria dos restantes volumes sejam provenientes da cidade espanhola, é muito possível que alguns títulos não identificados tivessem pertencido também à biblioteca Episcopal de Faro.

A valiosa biblioteca do Bispo do Algarve encontra-se desde então depositada na biblioteca Bodleiana da Universidade de Oxford. Contudo, dado o seu enorme valor histórico e cultural, em 2013 a Associação Faro 1540 solicitou formalmente às autoridades britânicas a sua devolução à cidade de onde estes livros foram roubados.

A ação mecénica do Bispo D. Francisco Gomes do Avelar

O terramoto de 1755 lançou o Algarve e a sua capital num período de recessão. Felizmente, em 1789 D. Amélia nomeou D. Francisco Gomes do Avelar para a diocese do Algarve, prelado que viria a revelar-se como um dos mais dinâmicos e bem preparados bispos portugueses do seu tempo.

Confrontado com a ruína de boa parte do património eclesiástico do Algarve, o bispo **D. Francisco Gomes do Avelar** patrocinou a construção e reconstrução de igrejas por toda a região. Em Faro, onde os efeitos do terramoto haviam sido devastadores, o bispo patrocinou a construção do novo hospital da Santa Casa da Misericórdia e a reconstrução da sua igreja, o mes-

⁴ CUNHA, João Teles (2007). *A memória à luz da história ou a biblioteca do Bispo do Algarve revisitada*. Faro: Universidade do Algarve.

mo sucedendo com a Sé Catedral e as igrejas de São Pedro, São Francisco, Santo António dos Capuchos, Ordem Terceira de São Francisco e São Luís.

Foi precisamente neste campo do restauro do património arquitetónico que o bispo D. Francisco Gomes revelou uma visão absolutamente invulgar para o seu tempo, deixando uma marca inolvidável na cultura algarvia. Com efeito, numa época caracterizada por uma total insensibilidade para com o património cultural, o bispo foi um autêntico pioneiro na defesa da herança artística e arquitetónica do Algarve, uma vez que procurou restaurar, e não simplesmente reconstruir os edifícios arruinados, preservando sempre que possível os elementos característicos de séculos e estilos anteriores.



O Milagre da Porta do Templo.

Foto gentilmente cedida pelo Museu Municipal de Faro

Uma outra vertente da importante ação mecénática do bispo do Algarve foi a encomenda artística, em particular um importante conjunto de pinturas que serviram como instrumento de pedagogia da fé católica. Durante a sua estadia em Roma, D. Francisco Gomes do Avelar foi apresentado ao círculo de artistas que trabalhavam em Roma na célebre academia Clementina, pintores como Tomaso Conca, Libório Guerini e Marcello Leopardi, e o pintor Domingos António Sequeira (na época bolseiro em Roma), que viria a ser um dos grandes expoentes do neoclassicismo em Portugal, tal como o não menos talentoso Vieira Portuense, a quem o bispo encomendou um conjunto de 4 pinturas em tela representando os **Quatro Doutores da Igreja**.



O Arco da Vila. Foto gentilmente cedida pela Associação Faro 1540

Entre as dezenas de pinturas encomendadas pelo bispo do Algarve, sobrevivem obras importantes como **O Menino entre os Doutores** de Marcello Leopardi e **O Milagre da Porta do Templo** de Tommaso Conca, em exposição na sala de pintura Antiga do Museu Municipal de Faro.

O mecenato artístico de D. Francisco Gomes do Avelar marcou profundamente os anos de transição entre o séc. XVIII e XIX. Na verdade, o bispo do Algarve antecipou em cerca de dez anos a introdução do neoclassicismo em Portugal, tendo a inserção do vocabulário neoclássico ocorrido não apenas na pintura, mas também na arquitetura, graças ao trabalho de Francisco Xavier Fabri, o arquiteto que projetou o Arco Da Vila (Monumento Nacional) e a reconstrução de diversas igrejas algarvias.

As tertúlias no Café Aliança

Com mais de um século de existência, o café Aliança é um dos símbolos culturais da cidade, tendo sido classificado em 2004, pelo Ministério da Cultura, como imóvel de “relevância cultural” e “portador de uma memória coletiva da cidade de Faro”.

Palco de animadas tertúlias, por aqui passavam regularmente os poetas algarvios Cândido Guerreiro, João Lúcio, António Aleixo e António Ramos Rosa, e até ocasionalmente, grandes vultos da cultura nacional como Fernando Pessoa, Bernardo Santareno, Almada Negreiros e Virgílio Ferreira.

Durante a II^a Guerra Mundial, o café Aliança ganhou particular notoriedade, tendo servido de ponto de encontro para os refugiados do regime nazi que viveram em Faro, como Héléne de Beauvoir e o seu marido. Por aqui passaram também personalidades como Simone de Beauvoir, Amália Rodrigues e Marguerite Yourcenar que, segundo o historiador Teodomiro Neto⁵, visitou a cidade a convite da Alliance Française em 1960, para proferir uma palestra dedicada ao tema “Fonction et Responsabilité du romancier moderne”.

Cliente assíduo do Aliança foi **Zeca Afonso**, nos anos em que “o trovador da liberdade” foi professor de francês e português na antiga Escola Industrial e Comercial de Faro (atual Escola Secundária Tomás Cabreira). Foi em Faro, talvez mesmo nas mesas do Aliança e de outros cafés da cidade, que o grande cantor de intervenção compôs no início dos anos sessenta baladas como “Menino de ouro”.



Foto da esplanada do café Aliança nos anos sessenta. Disponível em: <http://faro-com-patrimonio.blogspot.com/2010/12/cafe-alianca.html>

5 Sobre a história do Café Aliança, recomenda-se a leitura do livro “Café Aliança - 1908-2008- Um século de história da cidade”, do historiador Teodomiro Neto.

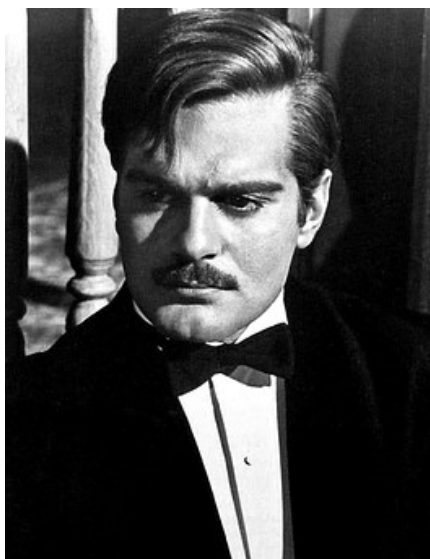


José Afonso. Foto gentilmente cedida pela Associação José Afonso

Com a inauguração do aeroporto internacional e o nascimento da indústria turística em finais dos anos sessenta e inícios dos anos setenta, o Algarve recebeu a visita de grandes vedetas internacionais. Deste modo, celebridades como a atriz **Ingrid Bergman**, imortalizada em filmes como “Casablanca” (1942) e “Meia-Luz” (1944), o ator **Omar Shariff**, inesquecível intérprete de clássicos do cinema como “Lawrence da Árabia” (1962) e “Doutor Jivago” (1965), ou **Leonard Bernstein**, o compositor do célebre “West Side Story” (1961), visitaram a capital algarvia e tomaram o seu café no Aliança.



Ingrid Bergman.



Omar Shariff

Faro - Capital dos Poetas

Terra de poetas, o Algarve foi, na opinião de Teodomiro Neto, o berço de uma escola poética árabe cujos grandes nomes foram Ibn Qasî (Silves/século XII), Darrâj al-Kastali (Cacela/século XI) e Ibn Al-A'la Iam (Faro/século XII). Esta fecunda tradição poética renasceu no séc. XIX com João de Deus, e floresceu no início do século XX graças a Cândido Guerreiro (1972-1953), João Lúcio (1880-1918) e Emiliano da Costa (1884-1968), cuja poesia pintou com palavras a terra e alma algarvia, e cuja influência se estende por todo o século XX, e está presente na obra de poetas como Tito Olívio.

Nenhum destes poetas nasceu em Faro, mas aqui passaram parte da sua vida. Com efeito, se é certo que o olhanense João Lúcio e o tavirense Emiliano da Costa frequentaram os cafés e tertúlias da cidade, o louletano Cândido Guerreiro viveu e trabalhou como notário na capital algarvia durante décadas. Aqui, o poeta que integrou o movimento literário da chamada “Renascença Portuguesa” escreveu livros como “Promontório Sacro” (1929) e “Auto das Rosas de Santa Maria” (1940). Presentemente, a “casa do poeta” onde Cândido Guerreiro viveu a última década da sua vida, encontra-se em vias de classificação pelo IGESPAR.

Em plena I^a guerra mundial, a cidade assistiu ao nascimento de “O Heraldo”, um jornal de cultura que manifestou o seu apoio ao movimento futurista, protagonizado por figuras como Almada Negreiros, Mário de Sá Carneiro e Fernando Pessoa, poetas que por estes anos eram alvo da incompreensão das elites cultas portuguesas. Entre os colaboradores regulares do jornal encontrava-se o jovem farenses Mário Lyster Franco, cujo pai, o pin-



Casa do Poeta Cândido Guerreiro.

Foto gentilmente cedida pela Associação Faro 1540

entre os colaboradores regulares do jornal encontrava-se o jovem farenses Mário Lyster Franco, cujo pai, o pin-

tor Carlos Augusto Lyster Franco, havia fundado “O Heraldo”, juntamente com o pintor Carlos Porfírio.

Alguns anos depois, em plena década de 1950, Faro assistiu ao despertar de um dos maiores talentos da poesia “moderna” portuguesa. António Ramos Rosa, cuja obra reflete sobre o ato da escrita e da criação poética é, desde os anos setenta, reconhecido como um dos maiores vultos da poesia nacional.

Ao longo do século XXI, a capital algarvia tem vindo a celebrar o legado dos seus poetas, através de eventos como “Faro Capital dos Poetas e da Poesia”, e a atribuição do “Prémio Nacional de Poesia António Ramos Rosa” (ambos promovidos pelo Município de Faro), ou “O Festival Poesia & Companhia”, organizado pela Associação ArQuente, eventos que pretendem divulgar a poesia e promover a criação poética, com a realização de recitais, debates e exposições em vários locais da Cidade.

Faro - Capital Nacional da Cultura 2005

A realização da Faro - Capital Nacional da Cultura 2005 constituiu um dos momentos mais marcantes da História da Cultura em Faro (e no Algarve). O projeto foi lançado em 2001, mas só em julho de 2004 foi publicada a resolução do Conselho de Ministros que permitiu a criação da estrutura de missão da FCNC, assegurando os meios humanos, materiais e financeiros para a sua concretização, incluindo a nomeação do historiador e professor da Universidade do Algarve, António Rosa Mendes, como comissário do evento.

Foi objetivo da Faro - Capital Nacional da Cultura, resgatar a cidade e a região da marginalidade cultural, atraindo o grande público para as atividades culturais; apostar na continuidade e na consolidação dos projetos culturais existentes na cidade e na região, e contribuir para a elevação do nível cultural da sociedade algarvia, e projetando nacional e internacionalmente a cidade de Faro e a região do Algarve, enquanto polos de turismo cultural e de atividades ligadas às indústrias da cultura e do lazer.

A Faro - Capital Nacional da Cultura 2005, teve início no dia 30 de abril 2005 com uma grande festa de rua na Baixa de Faro, que serviu de palco a dezenas de artistas das mais variadas áreas (novo circo, música, teatro e dança). As celebrações oficiais de abertura culminaram com um concerto da Orquestra do Algarve (e solista convidada Anabela Chaves), dirigidas pelo Maestro Álvaro Cassuto, que se realizou no Grande Auditório da Universidade do Algarve, e contou com a presença da então ministra da Cultura, Isabel Pires de Lima.

Um dos momentos altos da FCNC 2005 foi a **inauguração do Teatro das Figuras**, no dia 01 de julho de 2005, com um concerto da Orquestra Sinfónica de Londres. Pelo Teatro das Figuras (obra do arquiteto Gonçalo Byrne), passaram também a Orquestra Sinfónica Portuguesa e o Maestro António Victorino d'Almeida, este último num concerto em que interpretou as suas próprias composições para cinema, assim como o Teatro da Cornucópia, que se apresentou pela primeira vez no Algarve, levando à cena “As aventuras de Esopo”, uma ópera cómica de António José da Silva (O Judeu).

Entre os eventos culturais que tiveram lugar na cidade de Faro, merecem referência especial a mostra de desenhos do arquiteto Álvaro Siza Vieira, na Galeria Trem; a exposição “Cinema em Cartaz”, no Museu Municipal de Faro, e a apresentação da peça “Otelo” de William Shakespeare, encenada por Joaquim Benite, no palco do histórico Teatro Lethes.

O último grande evento da FCNC foi a Exposição “Entre o Céu e a Terra: Arte Sacra da Diocese de Beja”. Inaugurada em dezembro 2005, esta exposição esteve patente no Paço Episcopal de Faro durante um ano, e resultou de uma parceria entre as dioceses do Algarve e de Beja.

Para além da cidade de Faro, a programação da FCNC abrangeu todos os municípios do Algarve, num total de 154 eventos em áreas de expressão cultural como artes plásticas, música, cinema, literatura, dança, teatro e novo circo.

OS ESPETÁCULOS PÚBLICOS

Ao longo dos séculos a capital algarvia foi palco de diversas manifestações culturais, tendo assumido particular importância a realização de espetáculos públicos, como o teatro, a música e o cinema, cujo impacto socio-cultural foi e continua a ser imenso. Pelos palcos da cidade passaram nos últimos 150 anos, grandes nomes da música portuguesa e internacional.

O Teatro Lethes

Pelo palco do emblemático teatro Lethes, aquela que foi a mais prestigiada sala de espetáculos da cidade entre meados do século XIX e a Iª Guerra Mundial, passaram ao longo dos anos as melhores companhias de teatro amador do Algarve. Com efeito aqui se estreou a algarvia Teresa Aço (natural de Silves), que alguns anos depois seria considerada uma das grandes atrizes de opereta em Portugal.

No final do século XIX passaram também pelo Lethes várias companhias profissionais lisboetas e até espanholas, onde se distinguiam nomes como Capianni, Viana da Mota e a cantora Salud Otan. Um dos momentos altos foi a atuação em fevereiro de 1889, de Filomena Valente Bensisci, contralto do teatro La Scalla de Milão.

Por estes anos, a elite da cidade acorria com regularidade ao Teatro Lethes para assistir a peças como “Frei Luis de Sousa”, “O Alfageme de Santarém”, “Santo António” e “A Grã-Duquesa de Gerolstein”, dirigidas pelo maestro António Neves e o encenador Manuel José Sanches.

No início do século XX esta sala encerrou para obras, reabrindo em abril de 1908 com uma imagem renovada, onde se destacava um novo sistema de iluminação em *acetilen* e, em particular, os tetos e um pano de boca de cena pintados pelo artista fareense José Filipe Porfirio. O espetáculo de reabertura ficou a cargo da Companhia de Teatro do Ginásio de Lisboa, que levou ao palco algumas comédias populares. De referir que, durante as décadas de

1930 e 1940, o Lethes acolheu a secção de teatro do Sport Lisboa e Faro, que aqui realizou algumas peças teatro amador⁶.



Teatro Lethes

Foto gentilmente cedida pelo Museu Municipal de Faro – CMF

No início dos anos setenta, **O Grupo de Teatro do Círculo Cultural do Algarve** (formado em 1957), deu origem ao **Grupo de Teatro Lethes**, dirigido pelo **Dr. Emílio Campos Coroa**, um dos maiores divulgadores do Teatro no Algarve. Durante alguns anos, este grupo dinamizou culturalmente o mais emblemático teatro da cidade, tendo inclusive organizado o “Festival de Teatro Livre do Algarve”.

⁶ Sobre a história do Teatro Lethes, recomendamos a leitura de “O Teatro Lethes” (2002), do Professor José Carlos Vilhena Mesquita.

O Coreto



Coreto. Foto gentilmente cedida por Sandra Jesus

Juntamente com o Teatro Lethes, o grande espaço cultural da cidade no início do século XX foi o **coreto do Jardim Manuel Bivar**, uma estrutura adquirida pela câmara municipal em 1889. Por aqui passaram durante décadas algumas bandas filarmónicas que animavam os domingos de primavera e as noites de verão neste espaço privilegiado de lazer dos farenses. Entre estas primeiras “bandas musicais” farenses, merecem destaque a **Filarmónica “8 de Dezembro”**, que nasceu nos anos oitenta do século XIX, e foi dirigida pelo maestro José Maria de Assis, e ainda a **Banda dos Bombeiros Voluntários de Faro**, que surgiu em 1897.

Para além do coreto, as bandas filarmónicas da cidade atuavam noutras salas, como o “Teatro Circo” sala onde, em 1916, se estreou a **Orquestra Sinfónica de Faro**, organizada pelo maestro Rebelo Neves, que reuniu músicos oriundos da Banda do Exército e de várias bandas recreativas da cidade.

O nascimento do cinema e a construção dos cine-teatros

Em 1895 os irmãos Lumiere promoveram a primeira sessão do animatógrafo, um momento emblemático que assinalou o nascimento do cinema. O animatógrafo chegou muito cedo à capital algarvia. Foi no dia 11 de Setembro de 1898 que as elites farenses viram pela primeira vez as imagens em movimento, numa sessão histórica que teve como palco o Teatro Lethes. E podemos dizer que, desde esse dia, Faro têm sido uma cidade que gosta de cinema.

Nos primeiros anos do século XX, quando a 7ª arte dava os seus primeiros passos, passaram pela cidade diversos animatógrafos ambulantes que permaneciam alguns dias na cidade, deslumbrando os farenses com as novidades cinematográficas, filmes como “A Vida de Jesus” (1903), de Ferdinand Zecca, e “Os sete castelos do Diabo” (1906), de Georges Méliès, ou ainda documentários como “A Coroação do Rei Eduardo VII” (1907).

Em 1908 a cidade acolheu o **Salão High Life** um moderno animatógrafo que ficou instalado durante semanas na praça D. Francisco Gomes do Avelar (junto ao Jardim Manuel Bivar), atraindo a população com algumas dezenas de filmes recentes, de produção europeia, como “As grandes fontes luminosas do Castelo de Versailles” e “Uma Viagem através do Impossível”.

Até ao final da Iª Guerra Mundial, os amantes do cinema puderam também assistir a sessões do animatógrafo no **Teatro Circo**, a maior sala de espetáculos da cidade (com mais de mil lugares), construída em 1909, e por onde passaram muitas companhias de teatro de variedades e de circo, até ao seu encerramento em 1917.

Em Setembro de 1916 abriu portas o **Cine-Teatro Farenses**, localizado em plena baixa da cidade, uma sala que funcionaria até 1951 e por onde passaram os grandes clássicos do cinema europeu e norte-americano, como as comédias de Charlie Chaplin, os filmes de aventuras de Errol Flynn e os épicos de Cecil B. DeMille.

No verão de 1950 a cidade assistiu à inauguração da **Esplanada São Luiz**

Parque, uma sala de espetáculos ao ar-livre (situada em frente ao Mercado Municipal), que foi mandada construir pela mesma empresa que então administrava o Cine-Teatro Farense. Durante os meses de verão o São Luís Parque era palco de peças de teatro, espetáculos de variedades, festivais de folclore, e claro, sessões de cinema. Por este espaço que infelizmente foi demolido no final dos anos oitenta, passaram vários artistas nacionais e até internacionais, como um jovem Júlio Iglésias na sua primeira digressão por Portugal no início dos anos 70.

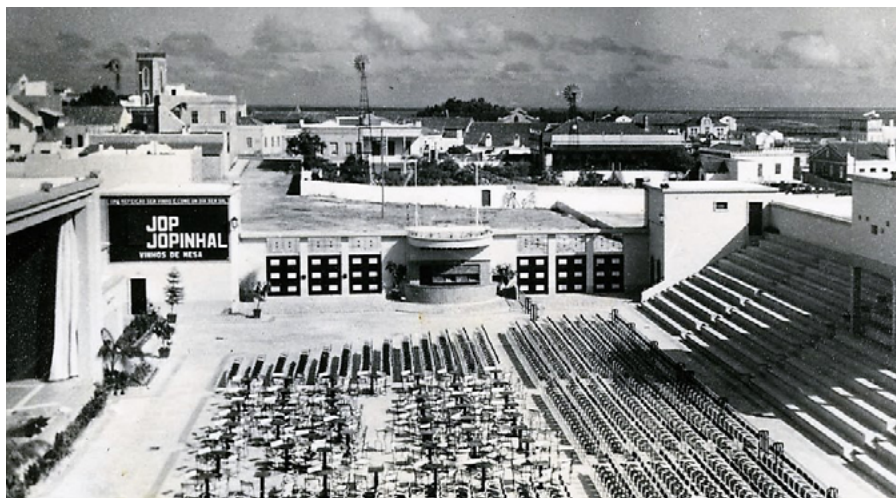


Foto da Esplanada São Luiz- Parque.

Disponível em: <https://promontoriiodamemoria.blogspot.pt/2009/07/inauguracao-do-esplanada-sao-luis.html>

No final dos anos quarenta, o Cine-Teatro Farense já não correspondia às necessidades da população. Deste modo, em 1952 esta sala foi reconstruída, dando lugar ao novo e moderno **Cine-Teatro Santo António**, já equipado com uma moderna máquina de projetar e um sistema de ar condicionado. A inauguração desta sala com mil e cem lugares (a maior do Algarve) foi um acontecimento social, permitindo aos farense desfrutar pela primeira vez do conforto até então reservado aos cinéfilos que frequentavam as melhores salas de cinema de Lisboa e Porto.



**Foto: A entrada do Cine-Teatro Santo António. Col. Estúdio Horácio Novais I FCG
– Biblioteca de Arte e Arquivos.**

Disponível: <https://www.flickr.com/photos/biblarte/8852290542/in/photostream/>



**Foto: O Cine-Teatro Santo António
Col. Estúdio Horácio Novais I FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos.**
Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/biblarte/8851679401/in/photostream/>

Por esta sala emblemática, que faz parte do imaginário de todos os faren-
ses que atingiram a maioria ainda no século XX, desfilaram clássicos do
cinema como “Ben-Hur”, “Música no Coração”, “O Padrinho”, “Tubarão”,
“Rocky” e “E.T”, assim como as sagas “Star Wars” e “Star Trek”, ou as aven-
turas de Indiana Jones e do agente 007, protagonizadas por estrelas como
Sean Connery e Harrison Ford.

Infelizmente, a proliferação dos videoclubes e o surgimento de centros
comerciais com modernas salas de cinema, ditou por toda a Europa o de-
clínio e encerramento de espaços emblemáticos como o Cine-Teatro Santo
António, cuja última sessão teve lugar a 31 de julho de 2001, um momento
assinalado com a projecção do filme “Cinema Paraíso”, do realizador italia-
no Giuseppe Tornatore, que constitui sem dúvida uma das mais belas home-
nagens à memória do cinema.

Teatro e espetáculos musicais

Tal como havia sucedido nas primeiras décadas do século XX com as an-
tigas salas Teatro Circo e Cine-Teatro Farense, a partir dos anos cinquenta o
recém -construído **Cine-Teatro Santo António**, foi o grande palco da cida-
de, recebendo para além das sessões de cinema, companhias teatrais (ama-
doras e profissionais), de teatro de revista e até de ópera nas suas digressões
pelo país ou pelo sul da Europa. Com efeito, pelo Cine-Teatro Farense pas-
saram grandes figuras da canção nacional, como Amália Rodrigues, Tony de
Matos, Max e Francisco José.

Em novembro de 1973 nasceu oficialmente o **Conservatório Regional
do Algarve**, dirigido pela sua fundadora, a notável pianista algarvia **Maria
Campina**, que veio a falecer em 1984. Durante vinte anos esta escola fun-
cionou no Teatro Lethes, mas dado o aumento do número de alunos, foi ne-
cessário construir uma nova escola num terreno cedido pela CMF, edifício
que viria a ser inaugurado em 1993, graças aos esforços de Pedro Ruivo, o
marido de Maria Campina, sendo aí lecionados cursos básicos e comple-
mentares de piano, órgão, acordeão, violino, violoncelo, viola dedilhada,

flauta de bisel, flauta transversal, clarinete, saxofone e trompete, e ballet.

Em honra da sua fundadora, a Fundação Pedro Ruivo instituiu o Prémio Internacional de Piano Maria Campina. Para além disso, o edifício do Conservatório apresenta ainda um pequeno museu dedicado à grande pianista algarvia. Ao longo dos anos, o **auditório Pedro Ruivo** no Conservatório, tem sido palco de inúmeros espetáculos, desde teatro de revista, a concertos de música clássica, música ligeira e até de ópera. Por lá passaram nomes como Dulce Pontes e Jorge Palma ou a Strauss Festival Orchestra e Strauss Ballet Ensemble e ainda o Teatro Nacional de Ópera e Ballet da Moldávia.

Pelo seu importante contributo para a educação musical dos algarvios, o Conservatório Regional do Algarve Maria Campina foi distinguido pela Secretaria de Estado da Cultura com a Medalha de Mérito Cultural.

Em fevereiro de 1995 nasceu em Faro a **ACTA – A Companhia de Teatro do Algarve**, iniciativa de um grupo de amantes e divulgadores do teatro, liderados pelo professor José Louro, que foi o seu primeiro Diretor Artístico. Trata-se da única companhia profissional de teatro do Algarve (financiada pelo Ministério da Cultura), e procura aliar a produção artística, traduzida numa programação eclética e essencialmente lúdica, com uma vertente pedagógica. Desde 2012 que a ACTA, dirigida pelo ator e encenador Luís Vicente, se encontra instalada no histórico Teatro Lethes.

Em 2002, a demolição do emblemático Cine-Teatro Santo António, para dar lugar a um vulgar centro comercial, deixou a cidade órfã da sua principal sala de espetáculos. Nesse sentido, foi necessário construir o **Teatro Municipal de Faro** (também conhecido por **Teatro das Figuras**), uma sala moderna, equipada para receber espetáculos tão diferentes como orquestras de música clássica, artistas de música ligeira, dança contemporânea, ballet, teatro e cinema digital.

Inaugurado em 2005, no âmbito da Faro Capital Nacional da Cultura, o Teatro Municipal de Faro é hoje o principal centro cultural da capital algarvia, promovendo o encontro do público com as artes performativas, graças a uma programação diversificada e de qualidade que visa também uma abordagem pedagógica e formativa do consumo das artes do palco.

O **Teatro das Figuras** recebe com regularidade a Orquestra do Algarve e a Companhia de Dança do Algarve, mas também o “Folkfaro- Festival Internacional de Folclore da Cidade de Faro” (agosto), e o Encontro de Charolas da Cidade de Faro (janeiro). Por este palco já passaram grandes artistas nacionais como Carlos do Carmo, Ana Moura, Camané ou Raquel Tavares.

Presentemente a programação cultural da cidade passa também pelo Teatro Lethes, que acolhe eventos como o “Faro Blues - Festival Internacional de Blues de Faro”, (organizado pela Associação Blues a Sul), “Gala de Fado” (organizada anualmente pela Associação de Fado do Algarve), e concertos da Orquestra Clássica do Sul.

Desde 2007, a **Associação Música XXI** organiza o **Festival de Órgão de Faro**, iniciativa que decorre durante o mês de novembro na Sé Catedral e na Igreja do Carmo, contribuindo para a divulgação e valorização do património musical.

Os grandes espetáculos musicais

Por todo o mundo ocidental, a década de oitenta assinalou uma proliferação de espetáculos musicais em recintos desportivos capazes de acolher grandes multidões. Em Faro, o Estádio de São Luís também recebeu importantes eventos musicais, pois aqui aturam Roberto Carlos (em 1988) e os **Dire Straits** (em 1992). Com efeito, a mítica banda de Mark Knopfler, extremamente popular no nosso país, colocou pela primeira vez a capital algarvia no roteiro dos grandes concertos rock.



Verdadeiramente histó-

Mark Knopfler, o vocalista dos Dire Straits

rico foi também o concerto de Luciano Pavarotti, patrocinado pela Região de Turismo do Algarve, realizado no dia 21 de junho de 2000. Nessa noite, o grande tenor italiano subiu ao palco montado para o efeito no Estádio de São Luís (com um cenário concebido pelo arquiteto Tomás Taveira) e interpretou árias de Puccini, Verdi e Mascagni, acompanhado pela jovem soprano Carmela Remiggio e pela orquestra do Norte.

Cidade universitária, Faro assiste e participa há mais de três décadas na Semana Académica da Universidade do Algarve, um evento realizado ao ar livre em diferentes pontos da cidade, e por onde passaram artistas como Rui Veloso, Luís Represas, GNR, a brasileira Daniela Mercury, a banda britânica James, o inglês Loyd Cole, e por diversas vezes os incontornáveis Xutos e Pontapés, entre muitos outros.

Desde 2014, o centro histórico de Faro recebe o **Festival F**, um grande evento cultural que privilegia a música portuguesa, mas cuja programação conta igualmente com exposições, tertúlias, animação de rua e *stand up comedy*. O Festival F é uma iniciativa do Município de Faro, do Teatro Municipal de Faro, da Ambifaro e da produtora Sons em Trânsito. Pelos palcos deste festival já passaram artistas consagrados como Ana Moura, Aúrea, Sérgio Godinho, Moonspell e The Gift, e jovens talentos como Raquel Tavares, D.A.M.A e o farenses Diogo Piçarra.

O ASSOCIATIVISMO E A DINAMIZAÇÃO CULTURAL EM FARO

Desde finais do século XIX têm surgido em Faro diversas associações culturais que promovem atividades relacionadas com a música, o cinema, a dança, o teatro, a poesia, a fotografia e o folclore. O seu contributo para a dinamização cultural do concelho de Faro é hoje incalculável, e podemos afirmar que as muitas atividades que estas associações desenvolveram, e continuam a desenvolver, constituem uma parte essencial da história da cultura em Faro.

Num período em que o Estado pouca atenção dedicava à cultura, em Faro, tal como em quase todo o país, a animação cultural dependia inteiramente da iniciativa dos cidadãos. Deste modo, em 1863 as elites locais criaram o **Clube Fareense**, desde sempre localizado num solar setecentista da rua de Santo António, espaço que ao longo dos anos serviu como local de tertúlias, bailes, peças de teatro amador, e recitais de música e poesia, e onde se realizam ainda diversos eventos de carácter cultural.

Em 1898 nasceu o **Ginásio Clube de Faro**. Em 2015, após vários anos de inatividade, esta centenária associação cultural (com sede na baixa de Faro) retomou as suas atividades culturais e recreativas, entre as quais o “Festival Spoken Word”.

Uma das mais antigas e importantes associações culturais de Faro é a **Sociedade Recreativa Artística Fareense** (conhecida como “**Os Artistas**”). Nasceu em 1906, mas os primeiros estatutos só foram aprovados no ano seguinte. Desde Maio de 1917 que esta associação ocupa as atuais instalações na Rua do Montepio, espaço anteriormente arrendado pelo Ginásio Clube Faro.

Pelo salão nobre de “Os Artistas” passaram ao longo dos anos diversas companhias de teatro amador. Na sua esplanada, palco de inúmeros bailes animados por conjuntos musicais algarvios, como os “Gatos Brancos”, atuaram igualmente nomes incontornáveis da música portuguesa, como José Afonso e os “Sheiks”. De referir ainda que, durante décadas, a Sociedade Recreativa Artística Fareense teve a sua própria banda filarmónica.

No início dos anos trinta, nasceu o **Grupo Folclórico de Faro**, o grande embaixador do folclore algarvio. Com efeito, para além de inúmeras atuações em espetáculos no país e no estrangeiro, as suas atividades incluem igualmente a pesquisa e organização de exposições etnográficas, o ensino das danças regionais nas escolas e a organização de eventos como o **FolkFaro - Folclore Internacional Cidade de Faro**. Membro efetivo da Federação do Folclore Português, e um dos grupos fundadores da Associação de Folclore e Etnografia do Algarve, o Grupo Folclórico de Faro foi distinguido em 2002 pela Câmara Municipal com a Medalha de Ouro da Cidade.

O ano de 1941 assinalou a fundação do **Círculo Cultural Camões** (posteriormente designado **Círculo Cultural do Algarve**), com o objetivo de promover o debate em torno da cultura. Durante décadas, esta associação fundada pelo Professor Joaquim Magalhães organizou debates e conferências sobre diversos temas e trouxe a Faro ilustres intelectuais como o professor holandês, Houwvens Post, da Universidade de Utreque (em 1960).

Na antiga sede da Rua Conselheiro Bivar os associados do Círculo Cultural do Algarve tinham à disposição uma preciosa biblioteca e assistiam com regularidade a conferências e recitais de música ou poesia, e até peças de teatro encenadas pelo **Grupo de Teatro do Círculo Cultural do Algarve**. Esta histórica associação cultural viria a encerrar as portas nos anos oitenta, mas em 2017 foi novamente reativada.

Em 1942 nasceu a **Alliance Française do Algarve**, com o objetivo de divulgar a cultura e a língua francesa. Esta associação cultural que mantém sua atividade até aos dias de hoje, teve como fundadores a pintora Hélène de Beauvoir (irmã de Simone Beauvoir), o seu marido Lionel de Roulet, o pintor farense Carlos Porfírio e o então reitor do liceu de Faro, Prof. Monteiro Simões. Exilados em Faro durante a IIª Guerra Mundial, Hélène de Beauvoir e o seu marido contribuíram muito para a dinamização cultural da cidade, através da organização de conferências, exposições e cursos de língua francesa. Foram também os co-fundadores da revista “Afnidades”, editada pelo Instituto Francês e cujos primeiros números foram impressos na Tipografia União.

Nos anos cinquenta, um grupo de amigos cinéfilos constituído por Joaquim Magalhães, António Ramos Rosa, Armando José Rocheta Cassiano,

Duarte Infante, Jorge Mascarenhas e João Pinto Dias Pires, fundaram o **Cineclube de Faro**.

Desde 1956, o cineclube tem vindo a promover a cultura cinematográfica através da divulgação de algum do melhor cinema mundial, muitas vezes arredado do circuito comercial português. Para o efeito, organiza sessões de cinema no auditório do Instituto Português da Juventude, na sua sede, e pontualmente em outros espaços históricos da cidade, como os claustros do Convento de Nossa Senhora da Assunção/Museu Municipal. Note-se que o CCF possui uma das melhores bibliotecas de cinema do país, com um fundo bibliográfico e audiovisual de milhares de títulos, disponíveis para consulta na sua sede localizada na rua Dr. Francisco Sousa Vaz Lote J, r/c, Loja A.

Com quase três décadas de atividade, a **Associação Recreativa e Cultural de Músicos**, tem como principal objetivo apoiar o desenvolvimento dos jovens do concelho de Faro através de diferentes formas de expressão artístico-cultural. Nesse sentido, esta associação promove aulas de música de diversos instrumentos e disponibiliza salas de ensaio e de exposição, e ainda um espaço para realização de espetáculos musicais e culturais, incluindo debates e workshops.

Em 1980, um grupo de entusiastas da música coral, dirigidos pelo Sr. Cónego José Pedro Martins, fundou o **Grupo Coral Ossónoba**. Em 1995, nasceu o coro infantil “Pequenos Cantores d’Ossónoba”, constituído por filhos de elementos do Coral Ossónoba e, em 2002, deu-se a formação do grupo “Ossónoba Coro Juvenil”, constituído atualmente por cerca de 20 jovens entre os 14 e os 19 anos.

Ao longo dos anos, os grupos do Coral Ossónoba têm participado em centenas de festivais e eventos culturais em Portugal e no estrangeiro, levando consigo a música e o nome de Faro a países como Espanha, Itália, França e Brasil. Desde 2012, o Coral Ossónoba organiza o **Solstício Musical**, um evento de verão que decorre na baixa de Faro e integra espetáculos de dança, teatro e folclore.

Em 1982 a Câmara Municipal de Faro e um grupo de cidadãos, fundaram a **Associação Filarmónica de Faro**, tendo como objetivo criar uma

Banda Filarmónica e uma Escola de música que promovessem o ensino e a divulgação da arte musical. Presentemente a Banda Filarmónica é constituída por 42 músicos de várias nacionalidades, contando na sua Escola de Música com seis dezenas de alunos e nove professores.

Ao longo dos anos a Banda Filarmónica de Faro organizou diversos festivais de música e realizou centenas de atuações, em palcos como o Teatro Municipal de Faro, o auditório da UAlg em Gambelas, o Teatro Lethes, e o auditório do Instituto Português da Juventude.

Reconhecida desde 1998 com o Estatuto de Utilidade Pública, a Associação Filarmónica de Faro conta presentemente com cerca de 280 associados e, em 2003, foi agraciada com a Medalha da Cidade de Faro (grau prata).

Ao longo da sua existência, a **Associação ArQuente** tem vindo a marcar uma presença dinâmica no panorama cultural da região. Têm como objetivo desenvolver produções de qualidade que promovam e prestigiem a cultura do Algarve. Entre as iniciativas que desenvolve, destaque para o “Festival Poesia & Companhia”, evento que decorre em diversos espaços do centro histórico de Faro, e pretende aproximar o grande público da poesia, dando a conhecer os novos poetas nacionais e algarvios.

Constituída em março de 2009, a **FARO 1540 - A Associação de Defesa e Promoção do Património Ambiental e Cultural de Faro** (reconhecida com o estatuto de ONG-organização não-governamental de ambiente e de património cultural), conta com mais de duas centenas de associados e desenvolve um importante trabalho de promoção e dinamização cultural. Entre as iniciativas promovidas pela FARO 1540 merecem destaque o “FARCUME-Festival de Curtas- Metragens de Faro”, que se realiza em Agosto, o “Fartoon- Mostra de Cartoons de Faro”, que se realiza em novembro, e as tertúlias onde se debatem temas relacionados com o património cultural e ambiental do concelho de Faro.

Em 2013 nasceu a **Associação Cultural - Palácio do Tenente**. Sediada num dos edifícios notáveis da cidade - o Palácio do Tenente João de Carvalho (localizado na Rua Conselheiro Bívar), esta associação visa contribuir para a dinamização cultural e criativa da capital algarvia, procurando através de uma

fusão entre o passado e o futuro, promover as marcas e os criativos da região.

Com o objetivo de promover a criação artística e o desenvolvimento da criatividade, nasceu a **AMARELARTE – Associação Cultural e Recreativa** que organiza diversas atividades vocacionais para um público infantil ou adulto, como oficinas de arte para crianças ou cursos de guitarra, piano, teatro e expressão dramática.

Desde 2007, a **Tertúlia Fareense** (um grupo informal de farenses), reúne-se mensalmente para apreciar a gastronomia portuguesa e algarvia e debater a história e o património cultural e ambiental do Algarve, em jantares de convívio que contam sempre com a presença de um orador convidado.

10 GRANDES PERSONALIDADES DA CULTURA EM FARO NO SÉCULO XX

Ao longo desta “Breve História da Cultura em Faro”, tivemos oportunidade de referir o importante contributo de figuras como o tipógrafo Samuel Gacon, os bispos D. Fernando Martins Mascarenhas e D. Francisco Gomes do Avelar, o grande entalhador/escultor Manuel Martins, dinamizadores culturais como Maria Campina, Emílio Campos Coroa e José Louro, ou historiadores como António Rosa Mendes, José Vilhena Mesquita e Teodomiro Neto, isto sem esquecer o trabalho realizado nos últimos anos por personalidades como Manuel Batista, Pedro Bartilotti, Fernando da Silva Grade e Anabela Moutinho. Contudo, julgamos importante destacar através de uma nota biográfica o contributo de dez farenses, já desaparecidos, que marcaram a cultura algarvia (e portuguesa) no século XX.

JOSÉ SIDÓNIO DE ALMEIDA (1918-1997)

José Sidónio de Almeida nasceu em Faro no dia 10 de julho de 1918 e estudou na Escola Industrial e Comercial Tomás Cabreira mas, o apelo das artes, levou a que abandonasse o curso, mudando-se posteriormente para Coimbra, onde viveu e trabalhou durante alguns anos.

Este notável artista plástico algarvio, cuja obra revela influências neo-realistas e surrealistas, começou por fazer desenhos e caricaturas dos seus amigos e de algumas figuras típicas do Algarve, mas veio a destacar-se também como escultor, sendo da sua autoria o busto dos poetas Emiliano da Costa e Cândido Guerreiro.

Ao longo da sua vida, o artista farenses realizou dezenas de exposições em Portugal e no estrangeiro, a última das quais teve lugar em 1996 no Teatro Lethes, onde estiveram patentes vinte e quatro quadros e duas esculturas, sob o tema: “ A Cidade de Faro e as gentes da Terra”.

Em 1986 José Sidónio de Almeida foi agraciado pela Câmara Municipal de Faro com a Medalha de Mérito Municipal - Grau Ouro.

ANTÓNIO ASSIS ESPERANÇA (1892 - 1975)

António Assis Esperança nasceu em Faro a 27 de março de 1892. Escritor e jornalista, colaborou com as revistas literárias “Seara Nova” e “Vértice”, e foi diretor do jornal de crítica teatral “A Crítica”.

Figura de relevo da literatura portuguesa contemporânea, o escritor farense assinou diversos romances, novelas e peças teatrais, sendo de destacar títulos como “Viver” (1921), “Gente de Bem” (1929), “Servidão” (1946) e “Pão Incerto” (1960), obras que denotam uma forte crítica social.

Vencedor de diversos prémios, como o “Prémio da Imprensa Cultural” e o “Prémio do Concurso de Obras Dramáticas do Teatro Nacional”, Assis Esperança foi também um dos fundadores da Sociedade Contemporânea de Autores e integrou a primeira direção da Sociedade Portuguesa de Escritores.

FILIFE FERRER (1936-2007)

Filipe Ferrer, pseudónimo de Luís Filipe Martins Lopes do Rosário, foi o mais notável e aclamado ator farense de todos os tempos. Após terminar os estudos dramáticos no Colégio de Santo Tirso, viveu e trabalhou vários anos no estrangeiro, passando por França, Inglaterra e Brasil.

No início dos anos 80 regressou a Portugal e lançou-se numa carreira recheada de grandes momentos, tendo participado em dezenas de filmes e séries televisivas. No cinema destaque para a sua participação em obras importantes do cinema nacional como “Repórter X” (1987), “O Processo do Rei” (1990), “Aquí Del Rey” (1992) e “Camarate” (2007), ou coproduções europeias como os célebres “A Filha de D’Artagnan” (1994) e “A Firma Pereira” (1995). Na televisão, merece destaque a sua participação em “Médico de Família” (1998), “A Lenda da Garça” (1999) e “Bocage” (2006).

Ao longo de quatro décadas de carreira, Filipe Ferrer nunca abandonou os palcos, tendo integrado a Companhia Nacional de Teatro, o Teatro Estúdio de Lisboa e a Casa da Comédia. Foi também o autor, encenador e protagonista da peça semi-biográfica “As Pestanas de Greta Garbo”, que levou em digressão nacional durante 2005.

MÁRIO LYSTER FRANCO (1902-1984)

Mário Lyster Franco nasceu em Faro no dia 19 de fevereiro de 1902. Estudou no Liceu de Faro e, aos quinze anos, demonstrava já um invulgar talento literário, participando no movimento futurista que floresceu nas páginas do semanário fareense “O Herald”, um pequeno jornal onde colaboraram personalidades como Almada Negreiros, Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro.

Depois de concluir a sua licenciatura na Faculdade de Direito de Lisboa, regressou a Faro e dedicou boa parte do seu tempo ao estudo da história e cultura algarvia. Durante a década de 1930 foi nomeado pelo Estado Novo para Presidente da Câmara Municipal de Faro. Nessas funções promoveu monumentos e homenagens públicas a escritores, poetas e historiadores algarvios.

Ao longo da sua vida Mário Lyster Franco colaborou com diversos jornais nacionais e regionais e, em 1946, assumiu a direção do semanário fareense «Correio do Sul», o qual dirigiu até ao seu encerramento em 1981.

Fruto de décadas de investigação, em que publicou dezenas de estudos sobre arqueologia, história e literatura algarvia, Mário Lyster Franco dedicou os seus últimos anos de vida à sua mais ambiciosa obra: «Algarviana – Subsídios para uma Bibliografia do Algarve e dos Autores Algarvios», cujo 1º volume (letras A e B), foi publicado pela CMF em 1982. Infelizmente, esta importante obra enciclopédica nunca viria a ser concluída, pois o seu autor faleceu em 1984.

JOSÉ LOURO (1933-2018)

José Luís Louro nasceu em Coimbra no dia 25 de setembro de 1933. Nos anos cinquenta deu início a uma carreira docente que o levaria a radicar-se em Faro, cidade onde lecionou durante quatro décadas em instituições de ensino como a Escola Secundária João de Deus, a Escola do Magistério de Faro e a Escola Superior de Educação da Universidade do Algarve.

Na capital algarvia o Professor José Louro desenvolveu uma vasta ativi-

dade enquanto programador cultural e encenador, estando na origem de várias companhias de teatro, como o SINCERA (Grupo de Teatro da Universidade do Algarve), e a Companhia de Teatro do Algarve – ACTA, para além de ter desempenhado funções de programador no Teatro Lethes e no Teatro das Figuras.

Figura incontornável do ensino e da cultura, José Louro marcou gerações de farenses e viu o seu trabalho reconhecido pela Direção Regional de Cultura do Algarve que, em 2016, lhe atribuiu o “Prémio Regional Maria Veleda”, com o qual homenageia as grandes personalidades algarvias.

JOSÉ PEDRO MACHADO (1914- 2005)

Nasceu em Faro no dia 08 de novembro de 1914. Filho de um capitão da marinha, destacado para a capital algarvia durante alguns anos, viveu grande parte da sua vida em Lisboa, mas sempre manifestou orgulho em ter nascido farenses.

Formou-se em Filologia Românica na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 1938, e em Ciências Pedagógicas nas Universidades de Lisboa e de Coimbra. Este operário das Letras, na expressão feliz de Teodomiro Neto, é considerado um dos maiores dicionaristas da língua portuguesa, tendo publicado o Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa, para além de ter colaborado no Dicionário de História de Portugal, dirigido por Joel Serrão.

A Academia Portuguesa de História distinguiu José Pedro Machado pelo seu mérito cultural e científico, atribuindo-lhe a ordem honorífica de Grande Oficial da Ordem de Instrução Pública. Recebeu igualmente a medalha de mérito cultural do Ministério da Cultura e a medalha de ouro do Município de Faro em 1998.

JOAQUIM MAGALHÃES (1909-1999)

Joaquim Magalhães nasceu no Porto a 3 de maio de 1909. Em 1931 concluiu a licenciatura em Filologia Românica na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Após realizar o estágio pedagógico nas disciplinas de Português e Francês, rumou ao Algarve, onde durante quatro décadas lecionou no liceu de Faro, vindo inclusive a ser eleito reitor.

Na capital do Algarve, este portuense “naturalizado” algarvio, dedicou toda a vida ao ensino e à cultura. Fez parte do movimento literário da «Presença», onde se destacaram intelectuais como Miguel Torga, Branquinho da Fonseca e José Régio. Foi também o grande divulgador do poeta popular António Aleixo e durante quatro décadas colaborou com o jornal “O Algarve”.

Membro ativo da “Alliance Française” e do “Círculo Cultural do Algarve”, o professor Joaquim Magalhães foi também um dos fundadores do “Cine Clube de Faro” e do “Conservatório Regional do Algarve”, tendo desempenhado um papel de grande importância na dinamização cultural da cidade de Faro. Foi homenageado com a atribuição do seu nome a uma escola da cidade.

CARLOS PORFÍRIO (1895-1970)

Nasceu em Faro a 29 de março de 1895. Numa vida inteiramente dedicada à cultura, Carlos Porfírio foi pintor, cineasta, museólogo e etnólogo. Identificado com o movimento pós-simbolista, partiu para Paris em 1923, onde viveu e trabalhou alguns anos, convivendo com a intelectualidade francesa, nomeadamente personalidades como Pablo Picasso e Simone de Beauvoir, mas também com alguns intelectuais portugueses como o poeta Mário de Sá Carneiro.

Regressou a Portugal em 1939 (casado com uma francesa) e na sua cidade desenvolveu diversas atividades culturais, tendo participado na criação da Alliance Française e do Círculo Cultural do Algarve. Amante do cinema, produz os filmes “Sonho de Amor” e “Grito na Noite”. No início dos anos sessenta concretizou o sonho de criar um Museu Etnográfico na capital algarvia, para o qual pintou alguns quadros alusivos aos costumes

e tradições do Algarve. O trabalho do pintor inclui obras como “A Mãe Soberana” e um conjunto de telas representando as “Lendas do Algarve Encantado”, que se encontram presentemente no Museu Etnográfico e no Museu Municipal de Faro.

JOSÉ ANTÓNIO PINHEIRO E ROSA (1908-1995)

Nasceu em Faro no ano de 1908, e fez os seus estudos no Seminário Episcopal, onde foi ordenado padre em 1930. Em 1954 abandonou o sacerdócio e constituiu família.

Notabilizou-se como historiador, professor e gestor cultural. Foi diretor do Museu e da Biblioteca Municipal de Faro. Fundou e dirigiu os Anais do Município de Faro, onde publicou importantes estudos sobre o património cultural da cidade, como “História da Biblioteca Municipal de Faro (separata dos Anais do Município de Faro) (1969) e “História do Museu Arqueológico Infante D. Henrique” (separata dos Anais do Município de Faro) (1969).

Entre 1969 e 1975, José António Pinheiro Rosa foi professor na Escola Tomás Cabreira. Nos anos oitenta, continuou a dedicar-se ao estudo da história local e publicou livros como “A Tomada de Faro por Afonso III” (1981), “O Foral de Faro” (1983) e “Monumentos e Edifícios Notáveis do Concelho de Faro” (1984).

Pela sua dedicação ao estudo e valorização da história e património cultural do concelho de Faro, o Professor Pinheiro Rosa foi nomeado como académico de mérito pela Academia Portuguesa de História, e distinguido com a medalha de ouro da Câmara municipal de Faro. O seu nome foi atribuído a uma das escolas secundária da cidade.

ANTÓNIO RAMOS ROSA (1924-2013)

António Ramos Rosa nasceu em Faro, a 17 de outubro de 1924. Aí viveu a sua juventude até 1962, ano em que foi viver para Lisboa. Em Faro, ganhou a vida dando explicações a alunos do secundário e em Lisboa trabalhou du-

rante algum tempo num escritório, experiência frustrante que levou o poeta a escrever “Poema dum Funcionário Cansado” e “O Boi da Paciência”.

Foi na capital algarvia que António Ramos Rosa iniciou a carreira literária. Aqui fundou e coordenou a revista “Árvore” (1951-1953) e após proibição desta, duas outras revistas – “A Cassiopeia” (1955) e os “Cadernos do Meio-Dia” (1958-60).

Ao longo da sua vida publicou quase uma centena de livros e venceu diversos prémios literários e distinções de carácter cultural, como o “Prémio Pessoa” (1988) e o Grande Prémio da Associação Portuguesa de Escritores (1989), tendo sido condecorado pelo Estado Português com a “Grande Ordem Militar de Santiago de Espada” (1992) e a “Grã Cruz da Ordem do Infante D. Henrique” (1997).

No dia 23 de abril de 2001, a sua cidade natal prestou-lhe justa homenagem, ao atribuir o nome do poeta à nova Biblioteca Municipal de Faro, numa cerimónia que contou com a presença deste ilustre farenses.

BIBLIOGRAFIA

- CALHEIROS, Pedro (2002). “Hélène de Beauvoir no Algarve”: in *Hélène de Beauvoir* (catálogo). Faro: Museu Municipal de Faro.
- CARREGA, Jorge (2014). *Guia do Património Cultural do Algarve*. Faro: ERTA
- CARREGA, Jorge (2017). *Faro Lendário*. Faro: AMBIFARO.
- CLEMENTE, Manuel (1998). *D. Francisco Gomes do Avelar no episcopado do seu tempo*. Didaskalia, XXVIII.
- GIL, Júlio (2006). *As Mais Belas Igrejas de Portugal* volume IV. Mem-Martins: Editorial Verbo.
- HORTA CORREIA, José Eduardo (2010). *O Algarve em Património*. Olhão: Gente Singular.
- LAMEIRA, Francisco (1999). *Faro, a arte na história da cidade*. Faro: CMF.
- LAMEIRA, Francisco (2000). *A Talha no Algarve no Antigo Regime*. Faro: CMF.
- LAMEIRA, Francisco (2000). *A Talha no Algarve durante o Antigo Regime*. Faro: CMF.
- LOPES, Marco (coord.) (2017). *António Macedo Ramalho Ortigão e a coleção de azulejaria do Museu Municipal de Faro*. Faro: Município de Faro.
- LOPES, Marco (coord.) (2017). *Pinturas do Barroco em Sevilha e no Algarve: contactos, coincidências e discordâncias*. Faro: Museu Municipal de Faro.
- MARTINS, Luísa Fernanda Guerreiro (2017). *Cândido Guerreiro, o poeta que Faro soube amar*. In: Anais do Município de Faro vol. XXXIX. Faro: Município de Faro.
- MARREIROS, Gloria Maria (2000). *Quem Foi Quem - 200 Algarvios do Século XX*. Lisboa: Colibri.
- MATOS, Manuel Cadafaz de (2017). “Samuel Gacon, um editor do Talmud com os olhos postos no oriente (a edição de Faro do Pentateuco, de Junho de 1487, no contexto da História da Imprensa incubular hebraica portuguesa)”. In: *Pentateuco - 1º livro impresso em Portugal* (edição fac-similada). Olhão: Edições Sul, Sol e Sal.
- MELLO, Magno Morais (2000). *Inventário da Pintura do Concelho de Faro*. Faro: CMF.

- MESQUITA, Maria Armanda (2008). *Professor Pinheiro e Rosa – o Homem e a Obra, um modelar trajecto de vida*. Faro: Escola Secundária de Pinheiro e Rosa.
- MONTEIRO, Eglantina (2002). *A Arte Contemporânea Portuguesa na colecção de Manuel Batista*. Faro: Museu Municipal de Faro.
- NETO, Teodomiro (2008). *Café Aliança - 1908-2008- Um século de história da cidade*. Faro: Aliança/Tipografia União-Folha do Domingo.
- NETO, Teodomiro (2009). *Louletanos do século XX*. Loulé: Arquivo Municipal de Loulé.
- NETO, Teodomiro (2010). *O “Futurismo” oficializou-se em Faro com o “Heraldo”*. Faro: CMF/Tipografia União-Folha do Domingo.
- RODRIGUES, Tânia (2016). *Faro na Época Moderna: do urbanismo à arquitectura*. Olhão: Sul, Sol e Sal.
- ROSA MENDES, António (2012). *O QUE É O PATRIMÓNIO CULTURAL*. Olhão: Gente Singular.
- SANTOS, Luís Filipe Rosa (1997). *Faro: um olhar sobre o passado recente*. Faro: CMF.
- SERRÃO, Vítor (2000). *O património artístico do Algarve durante a época moderna*. In: Anais do Município de Faro vols. XXVII/XXVIII. Faro: CMF.
- TELES E CUNHA, João (2007). *A memória à luz da história ou a biblioteca do Bispo do Algarve revisitada*. Faro: UAlg/Faro Capital Nacional da Cultura 2005.
- VIEGAS, Libertário (2003). *Histórias à solta nas ruas de Faro*. Faro: AJEA Edições.
- VILHENA MESQUITA, José Carlos (2000). “O imaginário popular na obra de Ataíde Oliveira” in: *O Algarve Encantado na obra de Carlos Porfírio*. Faro: Edição da Câmara Municipal de Faro.
- VILHENA MESQUITA, José Carlos (2002). “O Teatro Lethes”. Faro: AJA.

RECURSOS DA WEB:

António Ramos Rosa

<http://www.cm-faro.pt/pt/menu/1052/antonio-ramos-rosa.aspx>

Cantigas Medievais Galego-Portuguesas

<http://cantigas.fcsh.unl.pt/autor.asp?cdaut=11&pv=sim>

Cine-Teatro de Santo António

<http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2013/07/cine-teatro-santo-antonio-em-faro.html>

CMF/Património Histórico

<http://www.cm-faro.pt/pt/menu/806/faro-patrimonio-historico.aspx>

Direção Geral do Património Cultural

<http://www.patrimoniocultural.pt/pt>

Hélder de Azevedo

https://pt.wikipedia.org/wiki/H%C3%A9lder_de_Azevedo

Jornal Folha do Domingo

<https://folhadodomingo.pt/folha-do-domingo-comemorou-centenario-da-sua-fundacao1/>

<https://folhadodomingo.pt/faro-assinalou-525o-aniversario-da-impressao-de-samuel-gacon-a-primeira-em-portugal-com-fotos/>

José Vilhana Mesquita

[/Blog Promontório da Memória](#)

<https://promontoriodamemoria.blogspot.pt/>

Manuel Batista: Infopédia

[https://www.infopedia.pt/\\$manuel-baptista](https://www.infopedia.pt/$manuel-baptista)

Museu Municipal de Faro

<http://www.cm-faro.pt/pt/menu/215/museu-municipal.aspx>

Rede de Museus do Algarve

<https://museusdoalgarve.wordpress.com/o-que-e-a-rede-de-museus-do-algarve/>

Teodomiro Neto

O ALGARVE CULTURAL NO SÉCULO XX (5) – A POESIA

<https://folhadodomingo.pt/o-algarve-cultural-no-seculo-xx-5-a-poesia/>

Zéca Afonso, o professor que não usava gravata e estava do lado dos alunos

<https://www.tsf.pt/sociedade/interior/zeca-afonso-o-professor-que-nao-usava-gravata-e-estava-do-lado-dos-alunos-5685205.html>

Faro com Património:

<http://faro-com-patrimonio.blogspot.com/>

Capa. Teatro Lethes. Foto gentilmente cedida pelo Museu Municipal de Faro – CMF.

Contra-capá. Fachada da igreja do Carmo. Foto gentilmente cedida por Tiago Cruz.



UNIÃO DAS FREGUESIAS DE FARO
(SÉ e SÃO PEDRO)

Junta de si...